

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS

**VARIAÇÃO NA INTRODUÇÃO DO TERMO REGIDO DO VERBO *PERGUNTAR*
COMO TRANSITIVO INDIRETO NA FALA MANAUARA: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO**

**MANAUS-AM
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS

VARIAÇÃO NA INTRODUÇÃO DO TERMO REGIDO DO VERBO *PERGUNTAR*
COMO TRANSITIVO INDIRETO NA FALA MANAUARA: UM ESTUDO
SOCIOLINGÜÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras (PPGL) da Universidade Federal do
Amazonas, como requisito para obtenção do título de
mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva
Azevedo.

MANAUS-AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F224v	Farias, Aline de Souza Boadana Varição na introdução do termo regido do verbo perguntar como transitivo indireto na fala manauara : um estudo sociolinguístico / Aline de Souza Boadana Farias . 2021 92 f.: il. color; 31 cm. Orientador: Orlando da Silva Azevedo Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Sociolinguística Variacionista. 2. Regência Verbal. 3. Verbo perguntar. 4. Manaus. I. Azevedo, Orlando da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	---

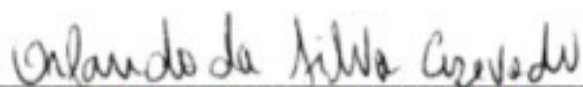
ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS

“Variação na introdução do termo regido do verbo perguntar como transitivo indireto na fala manauara: um estudo sociolinguístico”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 29 de janeiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM)



Profa. Dra. Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa (UFAM)



Documento assinado digitalmente
Felício Wessling Margotti
Data: 01/02/2021 22:49:13-0300
CPF: 096.832.129-20

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)

Dedico este trabalho à minha mãe,
Maria do Perpétuo Socorro de Souza
Boadana, e a meu pai, Arnóbio Duarte
Boadana (*in memoriam*).

Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção e pelo direcionamento frente aos desafios que enfrentei;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, pela orientação, paciência e pelo incentivo para a realização desta pesquisa;

Aos membros da banca, pela gentileza de ler o meu trabalho e contribuir para que eu pudesse melhorá-lo;

Aos meus pais, Arnóbio Boadana (*in memoriam*), que apesar de não estar presente durante a realização deste trabalho, sempre esteve ao meu lado me fortalecendo, e Socorro Boadana, cujo auxílio e afago me incentivaram a continuar; sempre juntei forças para orgulhá-la;

Aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, por sempre estarem presentes durante a tortuosa caminhada;

Ao meu esposo, Anderson, por sempre estar ao meu lado, sendo minha fortaleza nos momentos mais difíceis desta aventura;

À minha amiga peluda, Karola, por todos os momentos de diversão, amor incondicional e carinho;

Aos informantes desta pesquisa, que gentilmente concordaram em contribuir;

Aos professores que tive durante as disciplinas do mestrado;

À FAPEAM pelo apoio financeiro concedido para a realização da pesquisa;

À UFAM, por muito contribuir com a minha formação;

“Não fui Eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o SENHOR, o seu Deus, estará com você por onde você andar” (JOSUÉ 1:9).

RESUMO

Este trabalho, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, teve como objetivo geral analisar a variação no elemento introdutor do termo regido pelo verbo *perguntar* enquanto verbo transitivo indireto no falar manauara. Para a análise do fenômeno linguístico em estudo, controlamos, nesta pesquisa, as seguintes variáveis independentes (intralinguísticas): ‘tempo verbal’, ‘modo verbal’, ‘forma nominal do verbo’, ‘tipologia das orações’ e ‘ordem dos constituintes’; controlamos, ainda, as seguintes variáveis independentes (extralinguísticas): ‘sexo’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’. No que se refere ao *corpus*, constituído por 674 dados, a ocorrência mais expressiva foi da preposição *de* em relação à ocorrência das preposições *para* e *a*. Quanto às variáveis intralinguísticas e extralinguísticas, considerando a seleção do programa estatístico *GoldvarbX* e tomando a preposição *de* como aplicação da regra, mostraram-se significativas as seguintes, nessa ordem de seleção: ‘faixa etária’ e ‘tempo verbal’. Sobre a variável independente ‘faixa etária’, segundo o parâmetro extralinguístico, constatamos que os mais jovens são os que apresentaram menor índice de uso da preposição *de* e maior uso da preposição *a*. Por sua vez, a faixa etária intermediária foi a que apresentou os mais altos índices de uso do *de* e baixos índices das demais preposições. Verificamos ainda que, com base nos dados analisados, não é possível afirmar que exista um forte processo de mudança linguística em curso. Considerando a variável independente intralinguística ‘tempo verbal’, o tempo pretérito foi o mais produtivo em relação ao uso da preposição *de*. Já o tempo presente ficou na última posição de seleção, mesmo sendo o que mais teve dados categorizados. Portanto, os resultados mostram que a variante *de* é a forma mais recorrente no falar manauara.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Regência Verbal. Verbo *perguntar*. Manaus.

ABSTRACT

This work, from the perspective of Variationist Sociolinguistics, had the general objective of analyzing the variation in the introductory element of the term governed by the verb to ask, as na indirect transitive verb in manauara speaking. For the analysis of the linguistic phenomenon under study, in this research, we controlled the following independent variables (intralinguistic): 'verb tense', 'verbal mode', 'noun form of the verb', 'typology of sentences' and 'order of constituents'; we also controlled the following independent (extralinguistic) variables: 'sex', 'age range' and 'schooling'. Concerning the corpus, consisting of 674 data, the most significant occurrence was the preposition of, about the occurrence of the prepositions for and a. As for the intralinguistic and extralinguistic variables, considering the selection of the GoldvarbX statistical program and taking the preposition of how to apply the rule, the following proved to be significant, in this order of selection: 'age range' and 'verbal time'. Regarding the independent variable 'age group'. According to the extralinguistic parameter, it was discovered that the youngest people are those who had the lowest use rate concerning the preposition of and the highest use of the preposition a. In turn, the intermediate age group had the highest rates of use of and low rates of other prepositions. We also found that, based on the data analyzed, it is not possible to affirm that there is a strong process of linguistic change underway. Considering the intralinguistic independent variable 'verb time', past tense was the most productive about the use of the preposition "of". The present time was in the last selection position, even though it was the one with the most categorized data. Therefore, the results show that the variant "of" is the most recurrent form of speaking in Manaus.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Verbal Regency. Verb to ask. Manaus.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 - Uso de 'para' e 'a' segundo a faixa etária	46
Figura 2 - As zonas da cidade de Manaus	51

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1 - As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de espaço.....	36
Quadro 2 - Preposições menos e mais gramaticalizadas	36
Quadro 3 - Preposições no eixo horizontal.....	40
Quadro 4 - As preposições em contexto de introdução de DP dativo	45
Quadro 5 - A variável tempo verbal	55
Quadro 6 - A variável modo verbal	55
Quadro 7 - A variável tipologia das orações	56
Quadro 8 - A variável ordem dos constituintes	56
Quadro 9 - Perfil dos informantes	58
Quadro 10 - Células sociais	59

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

Gráfico 1 - Resultados gerais.....	62
Gráfico 2 - Uso das variantes <i>de</i> , <i>para</i> e <i>a</i> por faixa etária	64
Gráfico 3 - Percentual de uso da preposição <i>de</i> por faixa etária	69
Gráfico 4 - Correlação entre 'faixa etária' e 'sexo' (preposição <i>de</i>)	70
Gráfico 5 – Correlação entre 'faixa etária' e 'escolaridade' (preposição <i>de</i>)	71

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS)

Tabela 1 - Ocorrências das preposições <i>de</i> e <i>para</i>	63
Tabela 2 - Ocorrências das preposições <i>de</i> e <i>a</i>	63
Tabela 3 - <i>Knockout</i> na variável 'tempo verbal' (apl. preposição <i>de</i>).....	64
Tabela 4 - Outros <i>knockouts</i> (apl. preposição <i>de</i>)	65
Tabela 5 - O uso da preposição <i>de</i> segundo a faixa etária.....	67
Tabela 6 - O uso da preposição <i>de</i> com base na variável 'tempo verbal'	72
Tabela 7 - Uso das preposições <i>de</i> , <i>para</i> e <i>a</i> segundo o grupo de fatores 'sexo'	73
Tabela 8 - Uso das preposições <i>de</i> , <i>para</i> e <i>a</i> segundo a 'escolaridade'	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
1.1 A concepção homogênea de língua: <i>Estruturalismo e Gerativismo</i>	19
1.2 Sociolinguística: a concepção social da língua	23
1.2.1 Variedade, variação, variável, variantes e níveis de análise linguística	26
1.2.2 A questão da variação/mudança linguística e seus princípios teórico-metodológicos na Sociolinguística	28
1.2.2.1 A importância dos fatores externos para o estudo da variação/mudança linguística	31
1.2.3 Axiomas metodológicos da Sociolinguística	32
1.3 As preposições	34
1.3.1 As preposições na Gramática Normativa	34
1.3.2. As preposições para outras gramáticas	35
1.3.3 Mudanças semânticas das preposições	37
1.3.4 As preposições <i>de</i> , <i>para</i> e <i>a</i>	40
1.3.5 Estudos variacionistas sobre as preposições	41
1.3.5.1 Silva (2010)	41
1.3.5.2 Barros e Ribeiro (2011)	44
1.4 A concepção de Objeto Indireto na visão das Gramáticas Normativas e das descritivas	46
1.5 O verbo <i>perguntar</i>	47
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	49
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
2.1 Contexto da pesquisa: a cidade de Manaus	50
2.2 Escolha da metodologia.....	52
2.3 A seleção de informantes e o envelope da variação	54
2.3.1 Envelope da variação.....	54
2.3.1.1 Variáveis linguísticas.....	54
2.3.1.1.1 Tempo verbal.....	55
2.3.1.1.2 Modo verbal	55
2.3.1.1.3 Tipologia de frases	55
2.3.1.1.4 Ordem dos constituintes	56
2.3.1.2 Variáveis extralinguísticas	56

2.3.1.2.1 Sexo	56
2.3.1.2.2 Faixa-etária	56
2.3.1.2.3 Escolaridade	57
2.3.2 Critérios de exclusão dos informantes	57
2.4 Variáveis independentes e as células sociais	58
2.5 Tratamento do áudio, transcrição e quantificação.....	59
2.6 Codificação das variáveis	59
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	61
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	62
3.1 Resultados gerais	62
3.2 Resolvendo <i>knockouts</i>.....	64
3.3 Os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico.....	66
3.3.1 A variável independente extralinguística selecionada.....	66
3.3.2 A variável independente linguística	72
3.3.3 Os grupos de fatores não selecionados na rodada estatística	73
3.3.3.1 Sexo	73
3.3.3.2 Escolaridade	73
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE 1 –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	80
APÊNDICE 2 – EXEMPLOS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	82
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	89
APÊNDICE 4 – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE (ADAPTADO DE MARTINS, 2013).....	90
ANEXO 1 – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS.....	91
ANEXO 2 – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP-UFAM) 92	

INTRODUÇÃO

Este trabalho considera o tratamento da língua de maneira investigativa, procurando esclarecer os motivos que levam a um determinado uso linguístico. Nosso intuito é fazer uma análise descritiva a partir de dados empíricos de fala. As pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que as línguas podem variar, a depender de alguns fatores de natureza linguística ou extralinguística.

No caso desta pesquisa, uma curiosidade inicial surgiu ao observarmos, no dia a dia, uma variação bastante recorrente na fala dos habitantes de Manaus: o uso de diversas preposições na posição introdutora do termo regido pelo verbo *perguntar* enquanto verbo transitivo indireto (VTI).

Esta dissertação, portanto, investigou qual a explicação para esse fenômeno, haja vista que a preposição *de* não aparece em compêndios de Gramática Normativa como introdutora de objeto indireto (OI) do referido verbo. A partir disto, esta pesquisa se apresenta como um estudo variacionista que tem como objetivo principal analisar a regência do verbo *perguntar* como VTI na fala manauara. Sabemos que a língua é passível a mudanças linguísticas, e, por isso, há possibilidade de um determinado fenômeno linguístico ser influenciado por fatores sociais, geográficos, históricos além dos fatores internos (linguísticos). Logo, o trabalho tratou de questões relativas ao uso da língua com base em dados coletados através de informantes rigorosamente selecionados a fim de abarcar todas as possíveis influências ao processo de variação/mudança. Esses dados, catalogados durante a pesquisa, constituem o *corpus* de informações referentes à variação dos elementos introdutores do OI do verbo *perguntar*.

A realização deste trabalho é importante porque acrescentou informações quanto à variação sintática, nível de variação ainda pouco estudado no estado do Amazonas, e, conseqüentemente, na cidade de Manaus. Respondemos a questões importantes referentes à variação na introdução do termo regido do verbo *perguntar* enquanto VTI, e esclarecemos a maneira como os manauaras fazem uso das preposições que introduzem o OI do verbo em questão e como acontece esse fenômeno. Além disso, a pesquisa deu uma importante contribuição rumo ao esclarecimento da variação e da mudança linguística no caso da variação do termo regido pelo verbo *perguntar* enquanto VTI. Trata-se, portanto, de um estudo que tem sua relevância pautada na contribuição para a solidificação da Sociolinguística Variacionista no estado do Amazonas, dando enfoque diferenciado a essa teoria ao direcioná-la para campos mais complexos como é o caso da variação sintática.

Conforme afirmado anteriormente, o objetivo geral deste estudo é *analisar a regência do verbo perguntar como VTI na fala manauara*. Além desse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- *Identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ocorrência de variação no termo regido do verbo perguntar enquanto VTI na fala manauara;*
- *Verificar, a partir dos dados da pesquisa, se há uma mudança linguística em curso no que diz respeito ao fenômeno em estudo.*

Os objetivos levaram-nos para algumas perguntas de pesquisa:

- Quais são as variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas que influenciam na variação nos elementos introdutores de OI do verbo *perguntar* em Manaus?
- O processo de variação nos elementos introdutores de OI do verbo *perguntar* está ocasionando uma mudança linguística?

As hipóteses iniciais deste trabalho, levantadas a partir de observação da língua em uso, são:

- A preposição *de* é a mais usada como introdutora de OI do verbo *perguntar* pelos habitantes de Manaus;
- A variação linguística encontra-se, atualmente, estável, não apresentando indícios claros de mudança.

As hipóteses deste trabalho nos permitiram direcionar melhor o cotejamento dos dados que serão apresentados no desenvolvimento da pesquisa.

Em se tratando da estrutura do trabalho, no que diz respeito aos elementos textuais, a configuração obedece à seguinte sequência: introdução, três capítulos e considerações finais. Na introdução, apresentamos o fenômeno em estudo junto à problematização, às hipóteses levantadas e aos objetivos traçados. No capítulo 1, discorremos sobre o quadro teórico que norteou a realização da pesquisa. No capítulo 2, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. No capítulo 3, analisamos os dados com base na teoria e nos estudos de cunho sociolinguístico na modalidade variacionista. Por último, nas considerações finais, retomamos, de forma sintetizada, os resultados alcançados para afirmar se os objetivos, propostos na introdução, foram cumpridos e se as hipóteses foram comprovadas.

O capítulo seguinte é destinado à exposição da fundamentação teórica. Na primeira parte, contrapomos a Sociolinguística a algumas teorias para melhor entendê-la. Na segunda

parte, descrevemos os trabalhos realizados anteriormente sobre a variação das preposições (e consequentemente da regência) em algumas variedades dialetais do português do Brasil.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a linha teórico-metodológica que foi adotada nesta pesquisa. No primeiro momento, abordamos a concepção de língua em algumas teorias linguísticas. Após isso, contrapomos as epistemologias vistas na primeira parte com a Sociolinguística Variacionista, mostrando de que forma a reação aos estudos linguísticos, anteriores a ela, possibilitou a elaboração de postulados teórico-metodológicos baseados em dados reais de fala. Ademais, apresentamos alguns conceitos sobre preposições bem como a mudança semântica destas com enfoque para as preposições que são variantes na introdução de objeto indireto (OI) do verbo *perguntar*, o foco de nosso estudo. Além disso, apresentamos a descrição de alguns estudos variacionistas que nos permitiram entender melhor a variação nos introdutores de OI. Por fim, expomos algumas concepções de verbo transitivo indireto e de objeto indireto no Português do Brasil (PB).

1.1 A concepção homogênea de língua: *Estruturalismo e Gerativismo*

Os estudos linguísticos se desenvolveram desde os primórdios da humanidade, mesmo que de forma inconsciente. Segundo Weedwood (2002), os hindus são os primeiros a estudarem a língua a fim de aperfeiçoarem a leitura dos seus textos sagrados. Os gregos também tiveram bastante relevância no que se refere aos estudos linguísticos, uma vez que, com eles, algumas das principais discussões sobre a arbitrariedade das palavras já são levantadas. Com os romanos, o estudo linguístico ganha status mais normativo, ao prescreverem regras para a boa retórica.

Nos séculos XVIII e XIX, de acordo com Faraco (2005), surgem duas das principais correntes da Linguística à época: os comparatistas e os neogramáticos. Os primeiros, tendo como um dos expoentes August Schleicher (1821-1868), consideravam a língua como um organismo vivo, em uma visão biologista e evolucionista¹. Tinham como objetivo buscar a fonte de todas as línguas ao compará-las entre si nos aspectos fonéticos e morfológicos. Os segundos, surgidos após a onda comparatista, postulavam-se como reação à corrente comparatista, advogando que ao invés de procurar uma língua mãe, os estudos linguísticos deveriam centrar-se nas línguas vivas. Segundo Faraco (2005), a partir dos neogramáticos, a ideia de língua como entidade viva seria pouco a pouco posta à prova, uma vez que os estudos

¹ Considerar que o período histórico em questão viveu o auge da teoria do Evolucionismo Darwiniano e que os comparatistas se apoiavam justamente nessa visão.

introduzem os indivíduos no centro da questão. A própria disciplina Linguística considera uma dicotomia entre social e individual, como veremos a seguir.

Ferdinand de Saussure foi um linguista suíço que ministrou na universidade de Genebra, entre os anos de 1907 e 1910, três cursos de Linguística Geral. Mais tarde, em 1916, as anotações das aulas desses cursos foram reunidas por Albert Sechehaye e Charles Bally no que hoje se conhece como *Curso de Linguística Geral*² (1916). O livro é considerado o marco da sistematização da Linguística como ciência e seria, mais tarde, a base para o *Estruturalismo*, que surge, basicamente, com a Escola de Praga. Na obra, é possível observarmos que há postulados que viriam a ser o norte dos estudos linguísticos posteriores a ela.

O primeiro desses trata da dicotomia *langue* x *parole*, ou simplesmente língua x fala. Para o autor, a *langue* é a parte social da linguagem já que “[...] ela não existe fora de um tipo de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 321). No *Curso*, Saussure privilegia o estudo da *langue* (social) em detrimento da *parole* (individual) e, portanto, direciona os estudos linguísticos de sua teoria à língua coletiva, ignorando a variação que, para ele, era um elemento da fala.

As análises feitas pelos discípulos de Saussure, em contrapartida, não contemplam uma visão social da língua. Os estruturalistas ignoram as relações sociais e as influências delas no uso linguístico do falante e da comunidade (LABOV, 2008 [1972], p. 217). As pesquisas decorrentes da teoria estruturalista consideram que a explicação dos fatos linguísticos depende única e exclusivamente de fatores internos à língua, ou seja, da imanência linguística. De acordo com Moreira (2015, p. 185)

Para Saussure, a *langue* só existe na mente dos falantes, forma uma rede de relações entre os elementos do sistema que se concretiza na *parole*. No modelo estruturalista se descarta que a atualização concreta do sistema na fala forme parte do sistema. Ou seja, os titubeios, as hesitações, as contrações fonéticas, marcadores discursivos, a variação linguística etc. Aquilo que não é previsto e considerado como regular e ordenado não se encaixa no sistema, e, assim, é excluído dele.

O estudo dos fatos elencados como pertencentes à individualidade e à variação seria destinado a uma teoria que se propusesse a descrever a *parole*. A fala, parte individual da linguagem, conteria as variações, as “falhas” da estrutura e, para os estruturalistas (LABOV, 2008 [1972], p.218), seria desenvolvida a partir da observação dos indivíduos. Entretanto, a

² Daqui em diante, *Curso*.

questão seria de que maneira estudar a língua do indivíduo senão em seu contexto social? A *parole* é o conteúdo psíquico acessível aos membros da comunidade de fala.

A tentativa de chegada a um objeto comum à ciência linguística imprime a esta o caráter psicológico da *langue*. Ora, se ela é abstração de algo concreto, suponhamos que sejam também seus códigos comuns (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 128). Assim, a *langue* não pode ser dotada de heterogeneidade, pois isso inviabilizaria, para a Linguística Estrutural, a comunicação entre os indivíduos na sociedade. Logo, ao adotar o modelo de *langue*, como vimos anteriormente, a teoria saussuriana ganha aspectos homogêneos, direcionando a atenção e o foco dos estudos ao desenvolvimento de modelos de descrição dessa homogeneidade.

Outro ponto importante a ser posto em pauta sobre a teoria saussuriana é a dicotomia sincronia X diacronia. Conforme discorremos anteriormente, as aulas de Saussure tratavam, em suma, de uma reação do autor ao panorama dos estudos linguísticos da época. Saussure classifica o estudo da linguagem em dois polos principais: sincronia, que é estudo da língua em um determinado recorte temporal; diacronia, que é o estudo dos diversos estágios de transformação linguística, em vários recortes. O autor do *Curso* privilegia a sincronia argumentando que o estudo do estado atual de uma língua deve ser prioritário sobre o estudo diacrônico. Mais à frente, em reação a essa dicotomia, a Linguística Histórica será retomada, possibilitando o surgimento de diversas subáreas da Linguística.

Muito do pensamento de Ferdinand de Saussure serviu de ponto de partida para o desenvolvimento de novas epistemologias na Linguística. O *Gerativismo*, por exemplo, surge nos idos da década de 1950 (precisamente em 1957) como resposta à teoria behaviorista, desenvolvida principalmente por Burrhus Skinner. De acordo com Kennedy (2008, p.127), os behavioristas concebiam a linguagem humana como fruto de um condicionamento social, ou seja, a linguagem era passível a estímulos do meio social e a partir deles funcionava. Essa visão apregoava que a linguagem não era natural do ser humano, mas sim externa, estando presente nas relações sociais. Os gerativistas, em contrapartida, acreditam ser a linguagem uma faculdade inata.

O principal expoente da teoria gerativa é Noam Chomsky que publica, em 1957, o livro *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957), inaugurando o *Gerativismo*, que investigava a maneira com que os falantes geram novas sentenças a partir de um conjunto finito de elementos. Conforme pontua Kennedy (2008, p. 128)

Chomsky chamou a atenção para o fato de um indivíduo humano sempre agir criativamente no uso da linguagem, isto é, a todo momento, os seres humanos estão

construindo frases novas e inéditas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante que as produziu ou por qualquer outro indivíduo.

Para Chomsky (1986), a faculdade da linguagem é inata, ou seja, ela pertence ao ser humano antes mesmo de seu nascimento, e afirma que

uma teoria da faculdade da linguagem é às vezes chamada de gramática universal. A gramática universal busca formular os princípios que entram em operação na faculdade da linguagem. A gramática de uma língua em particular é uma teoria do estado da faculdade da linguagem em que ela se encontra após seu contato com dados da experiência; a gramática universal é uma teoria do estado inicial da faculdade da linguagem em que ela se encontra antes de qualquer experiência (CHOMSKY, 1986, p. 3).

Esse teórico imprime o caráter racionalista à linguagem e a coloca em oposição ao caráter empirista desenvolvido, principalmente, pelos estruturalistas americanos.

O pensamento chomskyano se ancora no conceito de um falante/ouvinte ideal, uma espécie de falante único que representaria todos os falantes. Ao contrário do que poderíamos pensar a respeito de uma teoria que critica o *Estruturalismo*, a teoria gerativa centra-se na ideia de que existe uma faculdade da linguagem que independe do contexto social de uso, uma vez que, devido às suas pluralidades compartilhadas, apesar de ser individual, é também universal.

O princípio teórico marcante para que possamos fazer a diferenciação entre a visão homogênea apregoada pelo *Gerativismo* e a visão heterogênea da Sociolinguística é o que diz respeito aos conceitos de *língua-i* e *língua-e*. A *língua-i* é o lugar da linguagem que se encontra internalizada geneticamente no falante. De acordo com Ludlow (2003, p. 21)

Língua-I é uma instanciiação do órgão da linguagem, parte de nosso dote genético. Ela é individual, interna e intensional. É individual porque “the properties of the system can be specified completely independently of the environment that the agent is embedded in” (Ludlow, 2003, p. 43)

Podemos notar que, principalmente a partir disso, é possível destacar uma diferença entre a língua que pertence à mente/cérebro da língua presente do meio social, das possíveis influências externas. A *língua-i* é a língua da aquisição, a língua da criança que vem sendo desenvolvida antes mesmo do nascimento. A *língua-e*, ao contrário, seria a língua da comunicação/interação social (Ludlow, 2003).

Tanto a divisão do sistema em *langue-parole* como a noção de uma *língua-i* e *língua-e* são criticadas pelos sociolinguistas que encontrarão pleno desenvolvimento de seus estudos a partir de pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos (EUA) como será visto a seguir.

1.2 Sociolinguística: a concepção social da língua

Na seção anterior, apresentamos uma parte da história dos estudos linguísticos. O objetivo das nossas pontuações foi evidenciar como a língua era encarada nos primórdios da sistematização da ciência da linguagem e como ela passou a ser vista pelo *Gerativismo*, sucessor e crítico do *Estruturalismo*. O que se constatou foi que tanto uma corrente como a outra optaram por não creditar importância à influência externa no sistema linguístico. Cada uma, a seu modo, defende que a funcionalidade da língua enquanto elemento da linguagem está isenta de heterogeneidade e variação, ou seja, as línguas cumprem seu papel devido à homogeneidade.

Os anos de 1960 marcaram algumas modificações nas novas concepções de língua e linguagem. Nesta época, por exemplo, os teóricos aprofundaram a noção de heterogeneidade da sociedade e, conseqüentemente, da língua. Teorias linguísticas importantes estão ancoradas sob o marco da heterogeneidade, como a Análise de Discurso (AD) e a Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística surge a partir dos estudos e publicações de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]). Entretanto, nos anos anteriores à explosão das pesquisas sociolinguísticas, algumas vozes ecoavam o grito por uma concepção social da língua, dentre as quais a de Antoine Meillet, que de acordo com Calvet (2002, p. 14), é considerado, até a publicação do *Curso*, um discípulo de Ferdinand de Saussure. Todavia, ao ler a obra editada por alunos de Saussure, Meillet (1965 [1906] *apud* CALVET, 2002) critica a separação das esferas externas e internas da língua feitas por Saussure. Para ele, a língua só faz sentido se a considerarmos como um fato social. O autor também critica a separação entre sincronia e diacronia e advoga que uma, na verdade, depende da outra. Meillet foi o primeiro a rumar no caminho inverso à visão da homogeneidade:

Enquanto Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; enquanto Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história [...]. Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o *fato social* e o *sistema que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história (CALVET, 2002, p. 15).

A oposição entre sincronia e diacronia suscitou inúmeros trabalhos no âmbito da Linguística Histórica, dentre os quais a obra que é considerada pedra fundamental da Sociolinguística. O livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]) foi fruto de um ensaio que tratou,

principalmente, sobre como se processa a mudança linguística no interior do sistema linguístico e social. A problemática trabalhada nessa obra diz respeito à questão de como ocorre a mudança e por que ela não afeta a capacidade comunicativa. Os autores apontam que comprovadamente as línguas são heterogêneas e mutáveis, mas essa heterogeneidade é ordenada e sistemática, pois

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo [...] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa, a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.36).

A citação acima assinala a volta das atenções aos estudos diacrônicos e, principalmente, simboliza uma ruptura com o paradigma em voga na Linguística até então, o da homogeneidade, que considerava tanto língua e fala quanto sincronia e diacronia como elementos distintos. Os autores defendem a o conceito de língua como sistema heterogêneo e, de certa forma, criticam os modelos de análise anteriores ao afirmar que “[...] parece bastante inútil construir uma teoria da mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados da língua” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 35).

A Sociolinguística surge, então, como reação aos modelos vigentes à sua época. A preocupação com o processo de mudança linguística acarretou na constatação, a partir de estudos empíricos, de que fatores sociais exercem influência sobre o sistema linguístico. A variação linguística, antes relegada à fala (individual) é (re)pensada como um produto possível da relação homem-sociedade. William Labov foi um dos primeiros a pesquisar a variação linguística, relacionando-a a fatores sociais. Em sua dissertação de mestrado (LABOV, 2008 [1963]), o autor apresenta um estudo sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ no inglês da ilha de Martha’s Vineyard, Massachusetts (EUA). Para tal pesquisa, Labov procurou observar, além da estrutura linguística, a estrutura social, pois ele considera que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p.21).

A assertiva acima evidencia a ruptura com os modelos de análise tradicionais, pois não mais se concebe a língua como explicável nela e por ela, mas a língua como variável e que

muda conforme mudam também as estruturas sociais. A Sociolinguística deve trabalhar com dados reais de fala que possibilitem descrever as implicações da estrutura social e da estrutura linguística nas variações e mudanças. Aqui reside o que pretendemos mostrar nesta seção, a mudança de um paradigma estrutural/formal que tratava a língua como estrutura homogênea e separada de elementos externos para um paradigma centrado na língua em uso que considera em seu estudo o dinamismo das línguas, sua variação e, principalmente, a heterogeneidade ordenada.

O conceito de heterogeneidade esbarrava, até os estudos sociolinguísticos, na questão da mudança linguística. Em suma, a grande dúvida era: por que um sistema heterogêneo não causaria confusões no sistema linguístico? Ao voltarmos a Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 121), percebemos que os autores se preocuparam com essa problemática. Para eles, a mudança é processada não de maneira abrupta, mas de forma gradual de modo que possa se encaixar na estrutura linguística sem causar desorientações (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]).

Nos dias atuais, os estudos sociolinguísticos apresentam grande desenvolvimento. A concepção social da língua é cada vez mais demonstrada, e, agora, já é possível entender melhor o dinamismo das línguas enquanto heterogêneas e ordenadas. O desenvolvimento da área de pesquisa se deve ao que nos propusemos a demonstrar nesta seção, a mudança de paradigma dentro da Linguística.

A história da Linguística não é uma via de mão única. Existiram diversos caminhos teóricos que contribuíram, de uma forma ou de outra, para que se pudesse chegar aos resultados que os pesquisadores alcançam atualmente. Nenhuma teoria pode ser considerada incorreta, pois elas apenas direcionam o foco para uma determinada parte do objeto de estudo.

Como visto, ainda no início da Linguística enquanto ciência, a língua era tida como uma estrutura homogênea e invariável, além de ser isolada do contexto sócio-histórico dos seus falantes. Apesar de a teoria gerativa representar uma ruptura com o *Estruturalismo*, os conceitos permaneceram ligados à noção de falante ideal e de língua interna. Os estudos sociolinguísticos são o marco de uma mudança de paradigma. A Sociolinguística introduz, de forma definitiva, os aspectos sociais e sua influência no sistema linguístico. Além disso, a partir da década de 1960, as teorias linguísticas voltam-se para a noção de heterogeneidade da língua, e a Sociolinguística Variacionista, através de suas figuras principais, comprova que as línguas são heterogêneas, e a heterogeneidade, nesse caso, é sistemática e ordenada.

A seguir, apresentaremos um pequeno esboço teórico a respeito dos conceitos básicos da Sociolinguística, necessários para o nosso estudo.

1.2.1 Variedade, variação, variável, variantes e níveis de análise linguística

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa alinha-se ao modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, o que implica afirmar que, inevitavelmente, teremos de operar com conceitos que devem ser explicados para o melhor prosseguimento do nosso trabalho. A seguir, ilustramos os conceitos de **variedade**, **variação**, **variável**, **variantes** e, ainda, discutimos sobre os **níveis de análise linguística**.

É de fácil apreensão para qualquer indivíduo que, a depender da localidade, as pessoas se comunicam tendo como base um idioma comum. No caso do Brasil, a língua com a qual os habitantes se comunicam é principalmente o português, uma língua originária do latim vulgar (*sermo vulgaris*) que também é falada em outras nações. De acordo com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, nove países do mundo adotam o português como língua oficial (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Timor Leste, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe e Macau). No entanto, é possível notar que existem diferenças na língua falada nesses lugares que vão desde o nível fonético e prosódico até o nível semântico e discursivo. Por exemplo, se compararmos o Português Europeu (PE) com o Português do Brasil (PB), notamos que existe uma diferença considerável em relação ao ritmo de fala dessas línguas. O PE apresenta um ritmo mais rápido em relação ao PB, conforme Bortoni-Ricardo (2011). Outro exemplo, se considerarmos novamente PE e PB, diz respeito à significação de determinadas palavras. No PE, o vocábulo ‘cueca’ tem a significação de [roupa íntima para ambos os sexos], enquanto que no PB, a palavra cueca significa somente [roupa íntima masculina]. Essas diferenças ocorrem porque a **variedade** do português falado na Europa tem diferenças em relação ao português falado no Brasil. Logicamente, o conceito de variedade se aplica até mesmo dentro da variedade dialetal falada em um só país. No Brasil, por exemplo, dizemos que existem a variedade culta e a variedade coloquial da língua portuguesa, ou a variedade nortista e a variedade sulista, a variedade mineira e a variedade carioca etc. Neste trabalho, assumimos variedade como “fala característica de determinado grupo” (COELHO *et al.*, 2015, p. 14). Com base nisto, é possível afirmar que nos propusemos a analisar a variedade do português falado na cidade de Manaus, na dimensão diatópica.

A variedade de uma língua também costuma se caracterizar por apresentar variação. Um falante, seja ele escolarizado ou não, ao fazer uso da língua percebe que há diferenças e semelhanças com a sua fala e a de outro indivíduo. Por exemplo, a depender da região do Brasil, é possível identificar os falantes designando a mesma fruta como tangerina, bergamota (vergamota), laranja crava, mimosa ou mexerica. Isto ocorre por conta da **variação**

linguística diatópica. Para Coelho (2015 *et al.*, p. 16), “variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, como o mesmo significado”. Neste trabalho, o objeto investigado é a variação linguística que acontece na introdução de OI do verbo *perguntar* enquanto VTI, já que as preposições que ocupam essa posição são intercambiáveis.

É necessário lembrar que uma variação linguística ocorre em um ponto da gramática das línguas. O ponto (contexto) em que ocorre a variação chamamos de **variável**. A variável é uma abstração, um ponto em que identificamos as formas concorrentes (COELHO, *et al.* 2015). Por exemplo, se levarmos em consideração a variação que pretendemos estudar, podemos dizer que a variável é o ‘elemento introdutor de OI do verbo *perguntar*. Devido ao advento dos programas estatísticos, tais como *GoldvarbX* ou *Varbrul*, o que tomávamos como lugar na gramática passou a ser chamada de **variável dependente** sendo que variável independente passou a ser o termo usado para designar os grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) que influenciam a variação.

Enquanto a variável dependente é um lugar abstrato da gramática em que acontece a variação, as **variantes** são as formas que concorrem ao lugar da variável. No nosso caso, as variantes que concorrem ao lugar de ‘elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* são as preposições *de*, *para* e *a*³. Além do valor linguístico, as variantes apresentam também valor social. Algumas variantes, por serem utilizadas por pessoas de classes mais pobres são estigmatizadas. Por exemplo, no Brasil é comum a defesa de que o uso da palavra ‘pranta’ é errado e feio e que o correto é utilizar a palavra ‘planta’. Isso porque, devido a motivos estritamente sociais, a segunda forma é uma variante de prestígio, e a primeira é estigmatizada. A estigmatização de variantes linguísticas é conhecida como preconceito linguístico. O preconceito linguístico (que na verdade é um preconceito social) encontra mais força em determinados níveis de linguístico do que em outros. É possível identificar preconceito mais frequentemente na variação em nível morfossintático (estigmatização da ausência de concordância nominal) que em nível fonológico (variação da palavra caixa em “caixa/caxa” [εκαφΣε] ~ [εκαΣε]).

A variação linguística pode ocorrer em diversos níveis. É possível investigá-la no nível lexical, fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático e discursivo.

³ Não consideramos os dados de adjuntos adverbiais introduzidos por outras preposições (por, pelo, pela, pelos, pelas).

A variação lexical diz respeito às diferenças lexicais apresentadas pelos falantes. Geralmente, encontra-se atrelada à localização geográfica, mas não exclui a variação na fala de diferentes grupos sociais ou em diferentes estilos de fala. É o caso de ‘tangerina’ e ‘mexerica’, entre outras variantes para o mesmo referente em diferentes regiões do Brasil. Esse nível de análise tem sido amplamente estudado em pesquisas geolinguísticas e geossociolinguísticas, que têm como objetivo mapear os dialetos regionais. Comumente, os dados que contemplam esse nível de variação são coletados a partir de Questionários Semântico-Lexicais, os quais são divididos em campos semânticos.

Existe, ainda, a possibilidade de a variação ocorrer em nível fonológico. Nesse nível, a variação atinge principalmente os fonemas. Por exemplo, Labov (2008), em sua pesquisa nas lojas de departamento de Nova Iorque, investigou a variação fonológica da presença/ausência de (-r) no inglês, componente fonológico, na pronúncia de seus informantes. Outro exemplo de variação fonológica é o caso de *planta* ~ *pranta* no português, fenômeno conhecido como rotacismo.

No nível morfológico, a variação pode ocorrer nos diversos componentes das palavras, seja em morfemas nominais ou verbais etc. No PB, um caso bastante conhecido de variação morfológica é a redução do gerúndio, por exemplo em palavras como *correndo* > *correno*. Em alguns casos, a variação pode ser fonológica e morfológica ao mesmo tempo, a qual chamamos de variação morfofonológica, ou morfológica e sintática, chamada variação morfossintática.

Em nível sintático a variação pode aparecer na ordem dos constituintes das orações, sobre tipos de orações, dentre outros. Esta pesquisa se encarregará de um elemento do nível sintático, uma vez que investigará a variação em um componente sintático, elemento introdutor de OI.

A variação linguística também pode se expandir para níveis além da frase. A esse tipo de variação dá-se o nome de variação discursiva. Um exemplo disso é a variação nos conectores e sequenciadores discursivos.

1.2.2 A questão da variação/mudança linguística e seus princípios teórico-metodológicos na Sociolinguística

Os estudos da língua em contexto social tiveram destinados a si maior atenção com a obra clássica de Weinreich, Labov e Herzog *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Nesse livro, os autores atestam que a língua possui caráter heterogêneo (conforme vimos anteriormente),

afirmação essa baseada de dados empíricos resultantes de pesquisas da geografia linguística e das línguas em contato.

Os autores defendem que a língua, em sua concretude, é heterogênea, pois apresenta variação, e sendo ordenada, serve como instrumento de comunicação coletiva. De acordo com Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 99) “[...] estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda, acompanhando as mudanças na estrutura social”.

Para os autores, o estudo da variação e mudança linguística pressupõe que sejam resolvidos alguns problemas a respeito da variabilidade sistemática da língua. Esses problemas são: problema da restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação.

O **problema da restrição**, segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), diz respeito ao condicionamento que a mudança linguística tem com relação a determinados fatores. Trata-se da descrição do conjunto de fatores que favorecem ou inibem a mudança linguística a partir de generalizações observadas do ponto de vista empírico. Nesta pesquisa, procuraremos entender o preenchimento das preposições introdutoras do OI do verbo *perguntar*, a variação entre as preposições e uma possível mudança linguística, a partir do controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que, hipoteticamente, são relevantes para verificar o fenômeno.

O **problema do encaixamento** diz respeito à verificação do posicionamento da mudança linguística nas estruturas que influenciam o uso da língua. Nesse caso, o encaixamento de uma mudança linguística deve ocorrer tanto na estrutura linguística como na estrutura social. Levaremos este problema em consideração, nesta pesquisa, ao observarmos se há ou não uma mudança em curso com relação ao nosso objeto de estudo.

Sobre o **problema da transição**, os autores demonstram que o estudo de qualquer que seja o fenômeno linguístico deve explicar de que maneira uma mudança se instala em outros componentes da gramática, passa para outros estágios e para outras comunidades. Para eles, a mudança linguística não se apresenta de maneira abrupta, mas pode ser apreendida pelo pesquisador. Nesta pesquisa, observaremos o comportamento das variantes no que se refere à faixa-etária dos informantes, pois essa variável independente pode nos mostrar se há apenas uma variação estável ou uma mudança em curso.

De acordo com Naro (2008), o estudo da mudança em tempo aparente, tipo de estudo que analisa as diferentes faixas-etárias dos informantes, é dotado de duas posições teóricas

distintas. A primeira diz que o processo de aquisição da linguagem ocorre até o início da puberdade, ficando a língua do indivíduo estabilizada a partir daí. O autor explica que

O estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala de tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada 'gradação etária' (NARO, 2008, p. 45)

A segunda dessas posições teóricas exposta por Naro (2008) postula que, ao contrário da primeira, o falante é capaz de modificar sua língua no decorrer do tempo. Nesse caso, a mudança linguística é motivada pela inserção do indivíduo, por exemplo, no mercado de trabalho. Assim, os extremos dos gráficos estatísticos que representam a maior e a menor faixa-etária apresentam o mesmo comportamento linguístico diferindo das faixas etárias intermediárias. Em um estudo em que analisa a variante (-ng) na região de Norwich, Inglaterra, a mudança no comportamento linguístico ocorre quando

Diminuem as pressões sociais do círculo imediato de amigos do adolescente e aumentam os contatos ditados por necessidades profissionais ao entrar efetivamente no mercado de trabalho. Nesta nova etapa da vida, os valores da sociedade começam a se impor e o círculo social se alarga com novos contatos. Finalmente, ao se retirar do mercado de trabalho, quando de aposentadoria, as pressões da sociedade e do mercado deixam de agir (NARO, 2008, p. 47-48).

Enquanto a primeira posição teórica defende a estabilidade linguística do falante e relega à comunidade linguística a responsabilidade pela variação e mudança, a segunda afirma que a variabilidade linguística está no falante e não na comunidade (LABOV, 1994).

Labov (1994) reforça que a análise multivariada pode comprovar a gradação etária e contribuir para o estudo da mudança/variação linguística. O autor havia realizado, anos antes, um estudo sobre a centralização do ditongo (-ay) no inglês da Filadélfia. A pesquisa de Labov confirmou que a faixa-etária intermediária apresentou mais variação do que as extremidades. Segundo ele, essa diferença relaciona-se ao fator 'ocupação' de cada idade.

Nesta pesquisa, procuraremos observar o padrão estatístico da variação dando especial atenção às faixas-etárias com o intuito de verificar se há mudança em curso ou apenas uma variação estabilizada.

Quanto ao **problema da avaliação**, os autores consideram a verificação do nível de consciência dos falantes com relação ao processo de variação/mudança linguística. Segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 124), a consciência pode ser fator determinante para o uso, por exemplo, a preferência por evitar uma variante mais estigmatizada que outra.

No caso desta pesquisa, apesar de a preposição *de* não estar registrada formalmente em compêndios normativos como uma preposição introdutora de OI do verbo *perguntar*, trabalhamos com a hipótese de que essa variante não é estigmatizada.

O **problema da implementação**, de acordo com Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), diz respeito às causas pelas quais determinam a variação/mudança linguística, e acontece em determinado período e em certa comunidade linguística e não em outras. No tocante ao fenômeno que nos dispusemos a estudar, é possível prever que a variante *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar* ocorre exclusivamente na região Norte e especificamente no Estado do Amazonas.

A variação que tomamos como objeto de estudo não ocorre de maneira aleatória, mas é baseada em uma série de fatores que classificamos como linguísticos (internos) e extralinguísticos (externos). Nesse ponto, reside a principal contribuição dos estudos sociolinguísticos: a inserção de grupos de fatores externos como determinantes para a variação e mudança linguística.

1.2.2.1 A importância dos fatores externos para o estudo da variação/mudança linguística

Conforme já citamos anteriormente, Labov (2008 [1972]) descreve alguns estudos baseados em dados da língua real. As pesquisas desse autor mostram que qualquer elemento linguístico em variação sofre não só influência de fatores linguísticos como também de fatores sociais. A partir dos resultados obtidos com a análise de seus dados, Labov percebe que fatores extralinguísticos como *faixa-etária*, *sexo*, *ocupação*, *classe social* e *nível de formalidade* podem inibir ou impulsionar a variação linguística.

Por exemplo, ao pesquisar os ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, Labov conclui que as variantes que apresentam maior centralização ([ay] e [aw] respectivamente) são mais propensas a ocorrerem na faixa-etária de 31 a 45 anos. Esse fato, explica o autor, se dá devido ao alto grau de pertencimento à ilha que os falantes dessa idade possuem, sendo estes avessos a variantes usadas por turistas. Em contraste com isso, os informantes das faixas-etárias inferiores, por nutrirem um desejo de deixar a ilha, apresentaram menor índice de centralização.

Labov também apresenta resultados referentes em uma pesquisa que foi realizada em Nova Iorque, cujo objeto de estudo seria a variável “/r/ em coda silábica”. O objetivo era verificar se a variável era realizada como [r] (classificada como a forma inovadora) ou de forma apagada (forma conservadora). Nesse estudo, o pesquisador selecionou três lojas da

cidade, cada uma classificada pela *estratificação social*. O resultado mostrou que os funcionários da loja *Sack's*, de classe média alta, eram os que mais realizavam o /r/ em coda silábica. Assim, o autor conclui que o *status social* foi um fator determinante na variação em questão.

Nesta pesquisa, consideramos os fatores “sexo”, “escolaridade” e “faixa-etária”. Essas variáveis extralinguísticas foram elegidas de modo que nos auxiliassem a fazermos um estudo que aborde as duas faces da Sociolinguística Variacionista: variação e mudança linguística.

1.2.3 Axiomas metodológicos da Sociolinguística

Existe uma disputa de concepção sobre o *status* da Sociolinguística laboviana. Para alguns, trata-se de uma nova teoria linguística; para outros, apenas um grupo de procedimentos metodológicos distintos das metodologias Gerativa e Estrutural. No livro *Padrões Sociolinguísticos*, William Labov fomenta a questão ao elucidar que seu objetivo “não é necessariamente prover à linguística uma nova teoria da língua, mas, antes, um novo método de trabalho” (LABOV, 2008 [1972], p. 242).

Com base nisso, a Sociolinguística passa a considerar cinco axiomas metodológicos que devem ser levados em consideração no estudo da variação /mudança linguística, principalmente no que diz respeito à coleta de dados: alternância de estilo, atenção, vernáculo, formalidade, bons dados.

No que se refere à **alternância de estilo**, Labov (2008 [1972]) postula que, apesar de não haver um padrão linguístico homogêneo para os falantes, é possível notar que existe uma alternância de estilo com base em contextos distintos. Para o autor

[...] alguns informantes exibem um espectro de alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e tópico. Algumas dessas alternâncias podem ser detectadas qualitativamente nas pequenas autocorreções do falante, que vão quase sempre na mesma direção (LABOV, 2008 [1972], p. 243).

Quanto à **atenção**, diz respeito ao grau de monitoramento da fala por parte dos próprios informantes. Segundo Labov, “estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (2008 [1972], p. 243). O autor postula também que

Este axioma (na realidade uma hipótese) recebe forte apoio do fato de que os falantes exibem o mesmo nível de atenção para diversas variáveis linguísticas importantes na fala casual – quando estão menos envolvidos – e na fala excitada – quando estão profundamente envolvidos pela emoção. O fator comum para ambos

os estilos é que há pouca atenção para a monitoração da própria fala (2008 [1972], 243).

Logo, concluímos que a maneira mais eficaz de coleta de dados menos monitorados é desviando a atenção que o falante destinaria à sua fala.

No que concerne ao **vernáculo**, Labov explica que, apesar do extenso *continuum* estilístico apresentado, por exemplo, em uma entrevista, nem todos os dados serão interessantes para o pesquisador. De acordo com o autor, “alguns estilos inibem padrões fonológicos e gramaticais irregulares, com um grande volume de hipercorreção” (p. 243), e ainda

Em outros estilos encontramos a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. Este é o “vernáculo” – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística (2008 [1972], p. 243-244).

Assim, o desafio do pesquisador é fazer emergir o vernáculo do falante para que possa investigar a estrutura linguística e suas possíveis variações sem prejuízo causado por interferências.

Quanto à **formalidade**, Labov afirma que qualquer abordagem com o falante, por exemplo, uma entrevista, faz com que ele direcione mais atenção para sua fala. Dessa maneira, não é confiável que, em uma exposição que pode parecer formal, com a presença de gravadores, se tenha realmente o vernáculo. O pesquisador deve elaborar estratégias para tentar anular a pressão imposta ao informante pela exposição a um ambiente incômodo.

Labov classifica que **bons dados** são aqueles que são coletados através de entrevista individual, em que se pode obter grande quantidade de dados, tendo em vista que a Sociolinguística trabalha prioritariamente com a abordagem quantitativa.

Os axiomas expostos por Labov levam-no a formular o conceito de *paradoxo do observador*. Segundo o autor, os dados tendem a ser comprometidos (i) pela presença de instrumento de gravação, (ii) pela presença do próprio pesquisador. Para ele “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas - no entanto, só podemos obter tais dados por meio de observação sistemática” (2008 [1972], p. 244). Labov recomenda que para que isso não interfira na coleta de bons dados, as entrevistas tenham intervalos numa tentativa de que o informante não perceba que está sendo gravado. Outra recomendação importante é que as perguntas a serem feitas pelo pesquisador tenham a capacidade de trazer à tona certo grau de emoção ao falante como forma de desviar a atenção deste de sua fala.

1.3 As preposições

Esta seção é destinada a um esboço acerca das preposições. Conforme o andamento do texto, delimitaremos o nosso foco para as preposições *de*, *para* e *a* como introdutoras de objeto indireto (doravante OI) do verbo *perguntar*.

1.3.1 As preposições na Gramática Normativa

Segundo Martelotta (2009), a Gramática Normativa é aquela que nos é ensinada na escola desde a tenra infância, baseada na fixação de normas de “bem falar e escrever”, sendo, portanto, de natureza prescritiva. A Gramática normativa busca a padronização da língua baseada na modalidade escrita.

As preposições recebem conceitos e tratamentos distintos a depender do compêndio de gramática normativa que se consultar. Para Rocha Lima (1999, p.180), “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro”. Com esta definição, é possível se observar a tendência de considerarmos as preposições como meros elos entre um termo ou outro. Rocha Lima (1999) também divide as preposições em essenciais (**a**, ante, após, com, contra, **de**, desde, em, entre, **para**, por, perante, sem, sob, sobre) e acidentais (exceto, durante, consoante, mediante, fora, afora, segundo, tirante, senão, visto).

A respeito da semântica, o autor considera que existem preposições mais lexicais e mais gramaticais, ou, respectivamente fortes e fracas:

As primeiras (contra, entre, sobre) guardam certa significação em si mesmas; as outras (a, com, de) não tem sentido nenhum, expressando tão-somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação. No contexto é que se concretiza o valor significativo das várias relações que elas têm aptidão para exprimir. (ROCHA LIMA, 1999, p. 355-356).

A passagem acima evidencia que, para esse teórico, as preposições que são objeto de estudo deste trabalho não possuem significação, pois se enquadram no segundo grupo.

Bechara (2009, p. 296) postula que as preposições são itens que não possuem independência e que estão sempre acopladas a alguma outra palavra mais significativa. De certa forma, a preposição para esse autor também se apresenta como apenas um item de ligação:

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência (...) que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais,

quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz. (BECHARA, 2009, p. 296).

O que chama atenção na ideia central do excerto anterior é que a semântica das preposições não aparece na definição central, de modo que o conceito presente privilegia a noção de que esse tipo de vocábulo é vazio de sentido. Contudo, o autor aponta que tudo na língua é semântica:

[...] tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto: “Nós trabalhamos com ele, e não contra ele.” (BECHARA, 2009, p. 297).

Azeredo (2000) é outro gramático que apresenta uma definição de preposição. Para este autor, “[...] a preposição é, sobretudo, do ponto de vista sintático, um transpositor” (AZEREDO, 2000 p. 196). Segundo essa definição, a preposição é uma seleção sintática, ou seja, totalmente dependente do seu contexto sintático. Para Azeredo (2000),

[...] em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático; isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (AZEREDO, 2000, p.196-197).

Cunha e Cintra (2001, p. 570-571) escrevem que as preposições são dotadas de “sentido primordial” que expressariam noção de movimento e de situação.

Notemos, portanto, que grande parte das gramáticas normativas apresentam uma definição de preposição como itens sem ou com pouca relevância semântica, diferente do que ocorre na visão das gramáticas de outra natureza.

1.3.2. As preposições para outras gramáticas

As gramáticas descritivas também apresentam algumas definições de preposição, com a diferença que centram suas exemplificações no uso.

Perini (2010) divide as preposições em apenas duas classes: as predadoras e as funcionais. Ele chama de predadoras aquelas cujas formas são compostas por preposição + Sintagma Nominal (SN) e tem como resultado um Sintagma Adjetivo (SAdj) ou um Sintagma Adverbial (SAdv). O autor afirma que a tese pode ser comprovada ao substituirmos um sintagma preposicional (SPrep) por um adjetivo (quando preposição + Sintagma Nominal SN resultar em um SAdj) ou por um advérbio (quando preposição + SN resultar em SAdv). No que diz respeito às preposições funcionais, notamos que é da natureza do verbo selecioná-las

para construir seu objeto já que quem atribui papel temático é o verbo, diferentemente das predicadoras.

O linguista Ataliba de Castilho (CASTILHO, 2016, p.583) se contrapõe à visão da Gramática Normativa sobre o sentido das preposições. Para a concepção tradicional, as preposições são vazias de sentido muito pela dificuldade de se apreender a semanticidade delas, resultando nessa classificação. De acordo com o autor, as preposições não são vazias de sentido, pois isso implicaria em um “signo dotado só de significante”. Cada preposição, diz ele, teria um “sentido de base” com transformações de forma e de semântica através do tempo, por um processo conhecido como gramaticalização.

Outra forma de entender as preposições compreende a ideia de disposição no espaço de acordo com um sentido de base de cada uma delas. Para Castilho (2016), esta é uma forma de “representar linguisticamente as relações de espaço” (p.585), conforme os quadros abaixo:

Quadro 1 - As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de espaço

CATEGORIA COGNITIVA	ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA COGNITIVA <i>ESPAÇO</i>	SUBCATEGORIAS COGNITIVAS	PEPÊIS SEMÂNTICOS DERIVADOS
ESPAÇO	POSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo horizontal	/origem/, /meio/, /meta/
		Eixo vertical	/superior/ ~ /inferior/
		Eixo transversal	/anterior/ ~ /posterior/
	DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo continente/conteúdo	/dentro/ ~ /fora/
	PROXIMIDADE NO ESPAÇO	Eixo longe perto	/proximal/ ~ /distal/
	MOVIMENTO NO ESPAÇO	Eixo real/fictício.	/dinâmico/ ~ /estático/

Adaptado de Castilho (2016, p. 585)

Uma forma mais segura de classificar as preposições, segundo Rodolfo Ilari, é dividi-las em ‘preposições simples’ e ‘preposições complexas’. Nosso foco serão as preposições simples e mais gramaticalizadas porque as preposições *de*, *para* e *a* pertencem a essa categoria conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 2 - Preposições menos e mais gramaticalizadas

MENOS GRAMATICALIZADAS	MAIS GRAMATICALIZADAS
(-)	(+)
< -----	>
contra < sem < até < entre < sobre < sob	por < com < a < em < de < para

Adaptado de Castilho (2016, p. 588)

Essas preposições simples e mais gramaticalizadas possuem valor semântico mais complexo devido ao fato de terem passado por vários processos de mudança no decorrer do tempo. Castilho (2016, p. 587) faz uma resenha do que propõe Ilari para tentar definir um conceito para as preposições simples:

A observação de algumas propriedades permite classificar as preposições simples em mais gramaticalizadas e em menos gramaticalizadas, segundo Ilari *et al.* (2008). As mais gramaticalizadas (i) podem mais facilmente ser amalgamadas a outros elementos linguísticos: pelo, por, co'a, cocê, ao, àquela, no, num, nisto, do, dum, disso, docê, pro, prum, praquilo, procê etc; (ii) possuem valor semântico mais complexo; (iii) podem funcionar como introdutoras tanto de argumentos como de adjuntos do verbo; (iv) são mais frequentes que as menos gramaticalizadas.

O que a pesquisa deverá comprovar é a funcionalidade das preposições introdutoras de objeto indireto do verbo *perguntar* no falar manauara. Investigaremos, portanto, qual o papel semântico dessas preposições dentro do objeto e que influências externas elas sofrem para que seja usada uma ou outra variante.

1.3.3 Mudanças semânticas das preposições

Alguns estudos na área da Linguística que analisam dados reais de fala demonstram que as preposições possuem semântica e significados próprios, como é o caso de Viaro (1994) que, em sua dissertação de mestrado intitulada *Das preposições latinas às do português e do romeno: derivações semânticas*, faz um apanhado geral sobre a semântica das preposições desde o latim até seu uso atual na língua romena e na língua portuguesa. Nesse estudo, Viaro (1994) corrobora a noção de que as preposições não são meras palavras vazias e alheias de significado. Para ele, a ideia de vazio semântico das preposições é decorrente do fato de que essas palavras desempenham papéis inúmeros em algumas relações linguísticas:

Outro desafio que tivemos, além de escolher as frases mais representativas, foi provar que as preposições têm uma semântica e que não são palavras vazias. Tal opinião, que se tornou senso comum em linguística, desenvolveu-se do fato de algumas preposições expressarem grande número de relações, não raro até mesmo contraditórias (VIARO, 1994, p. 3).

O autor segue e afirma que o significado das preposições, apesar de não ser, por vezes, concreto, possui uma origem concreta, quase sempre adverbial. Atribui, também, semelhanças entre as preposições e os advérbios que muitas vezes são quase indistinguíveis:

Obviamente não se espera encontrar nas preposições um significado absolutamente concreto, pois não se exige isso nem mesmo dos substantivos, mas é verdade também que muitas têm uma origem concreta, senão todas. Essa concretude original passa, do latim às línguas românicas, por um intermédio adverbial. Há momentos em que é difícil distinguir entre advérbio, preposição e prefixo (1994, p. 3).

A diferenciação entre advérbios e preposições citada por Viaro é extremamente difícil e pode atualmente ser feita no nível sintático de maneira mais simples (1994, p. 3), mas essas duas classes podem ter origens semânticas comuns, demonstrando, assim, que as preposições surgem a partir de determinada significação.

No entanto, apesar de advérbio, preposições e prefixos terem origem semântica comum, em algum momento as preposições “tendo uma função translativa como tinham os casos, acabaram, muitas vezes, especializando-se em determinadas relações meramente gramaticais” (VIARO, 1994, p. 35). As preposições parecem ser vazias de significado por causa da polissemia que apresentam já que a mesma preposição pode frequentar diferentes espaços semânticos. Viaro cita os exemplos seguintes em português:

(1) *Ele veio de casa.*

(2) *A casa de João* (VIARO, 1994, p. 35).

Para Viaro (1994, p. 35), em (1) a preposição *de* carrega a noção de afastamento de um ponto de origem além de reforçar o sentido do verbo. Já em (2), o autor diz que a função da preposição é puramente gramatical, o que abre margem para que se interprete a preposição *de*, nesse caso, como vazia de significado. Segundo Viaro, a conclusão a que se pode chegar é que

[...] as preposições não são vazias, nem esvaziadas semanticamente, são apenas polissêmicas, como o é o substantivo *ponto*, que pode representar tanto um fato muito concreto como outros, mais abstratos. O que convém frisarmos agora é que a polissemia das preposições, ao contrário do que se costuma dizer, não é arbitrária (1994, p. 35).

As preposições podem, conforme defendemos, passar por diversas mudanças, sendo elas sintáticas ou mesmo semânticas. A mudança semântica de uma preposição é, por vezes, difícil de ser prevista, mas “há algumas orientações constantes que merecem ser observadas, pois refletem o modo como se encara o movimento ou uma posição específica” (1994, p. 46).

Em uma dessas orientações, a qual Viaro chama de Explicitação, um movimento pode denotar duas formas de se ver:

A preposição que signifique primariamente uma dessas formas pode transpor-se facilmente para o significado oposto ou para uma posição geral [...]. Por ex., se dissermos simplesmente *para baixo*, deduziremos *de cima para baixo*, *de longe para baixo*, *de perto para baixo* ou *de algures para baixo*. Todo movimento simples pode ser alongado com o seu contrário ou com uma posição geral (1994, p. 46)

No que se refere à Ampliação, o autor cita que as expressões de posições específicas podem ser ampliadas para posições mais gerais. A denotação do sentido, segundo Viaro (1994, p. 46) do *de* latino, que trazia consigo a carga semântica de *de cima para baixo*, passa a ser apenas de algum lugar, marcando apenas a movimentação e sua posição geral.

No tocante à Especialização, possui característica oposta à anterior. Trata-se de um movimento de uma posição geral para uma mais específica. Conforme Viaro (1994, p. 47), a mudança semântica com base na Especialização é mais recorrente na fala e está condicionada mais fortemente a fatores extralinguísticos. Ele explica esse tipo de mudança mostrando que a preposição *ex*, que significa inicialmente “de dentro para fora”, passa por Especialização modificando sua significação para “de baixo para cima” como nos verbos *emergeo* (sair da água), *exsurgo* (levantar-se), *egredior* (trepar) etc. O autor acrescenta que antes da Especialização houve ainda uma ampliação: “de dentro < de algures < de baixo”. Notamos que nessas transformações não há uma regra perfeita, pois há fatores extralinguísticos agindo sobre elas.

Quanto ao Resultado Estático, a transformação semântica originou um estado estático partindo sempre de uma ação. Para Viaro, “O movimento pode ser encarado do ponto de vista do resultado da ação, isto é, como estático. Esta posição final será aplicada tanto ao movimento de aproximação como ao de afastamento” (VIARO, 1994, p. 47). Por exemplo, *Unde* (donde) tornou-se estático e manteve esse sentido nas línguas românicas. No português há esse sentido estático em “De onde você é” de proveniência. Essa transformação se opõe à próxima que será explicitada, a Causa Dinâmica. Esta se origina como resultado de um movimento como mostra Viaro:

[...] uma posição específica pode ser vista como consequência de um movimento de afastamento ou de aproximação e passar a designar esse movimento. Se digo, por exemplo, que *Pedro está em cima de casa*, concluo que *Pedro saiu de onde estava e foi para cima da casa* (1994, p. 47).

No que diz respeito à Causa Dinâmica, Viaro cita que se trata da mudança semântica quando uma preposição, antes tida como consequência de um determinado movimento, passa a significar o próprio movimento. É citado o exemplo do uso de *donde* (estático), e *donde*, com sentido dinâmico significando onde (origem) e para onde (movimento). Notemos que, no primeiro caso, o sentido da preposição é a simples consequência de um movimento anterior enquanto no segundo caso, a própria preposição adquire o sentido de movimento. Em latim, a preposição usada para acompanhar a posição de proximidade era *ab* (com sentido mais

estático) que, com o tempo, passou a adquirir o sentido mais dinâmico, prova cabal da evolução semântica das preposições.

Toda a discussão em torno do trabalho de Viaro nos leva à conclusão de que é possível, embora difícil, depreender a mudança semântica das preposições. Em nosso caso, o que mais interessa é verificar quais são as condições semânticas que permitem que a preposição *de* seja inserida no contexto de OI de *perguntar*.

1.3.4 As preposições *de*, *para* e *a*

Ao retomarmos a noção de que as preposições carregam um sentido de base e estão dispostas no espaço, Castilho (2016) aloca as preposições objeto deste estudo no eixo horizontal, como demonstramos no quadro 3:

Quadro 3 - Preposições no eixo horizontal

PONTO INICIAL	PONTO MEDIAL	PONTO FINAL
de, desde, a partir de,	por, no meio de	a, em, para, até (a), contra

Adaptado de Castilho (2016, p. 596)

Segundo o autor “as preposições do eixo horizontal dispõem a figura em pontos específicos de um percurso imaginário: o ponto inicial, o ponto medial e o ponto final” (CASTILHO, 2016, p. 596).

Pensando no sentido de base, a preposição *de* aparece com o significado de ponto inicial, enquanto as preposições *para* e *a* aparecem com o sentido de ponto final. No entanto, o próprio autor reconhece que não podemos colocar as preposições em formas, uma vez que “a lista de preposições que aparece após cada eixo é meramente exemplificativa, pois um mesmo item pode integrar mais de um eixo. [...]. Ou seja, também as preposições são polifuncionais” (CASTILHO, 2016, p.586).

Neves (2000), na *Gramática de Usos do Português*, classifica *de*, *para* e *a* como preposições introdutoras de argumentos. A autora descreve individualmente cada preposição de acordo com a relação que elas mantêm com o verbo.

Sobre a preposição *de* a autora argumenta que essa preposição aparece em complementos verbais. Segundo ela “o complemento se refere ao ponto de origem, ponto de partida, ponto inicial de referência, ponto de partida de uma experiência ou mudança (fonte)”. Se levarmos isso em consideração, é possível afirmar que esse significado que o *de* assume é um sentido de base como ponto de origem no eixo horizontal. Todavia, também há uma outra possibilidade já que, para a autora, a preposição *de* como “complemento se refere a um

ponto de chegada ou *ponto final de referência (meta)*”, não sendo, portanto, um sentido de base (NEVES, 2000, p.645 e 648).

No tocante à preposição *para*, a autora diz que também introduz complemento e que “o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino, a um ponto final” (p. 691). Ao compararmos com o quadro de Castilho, concluímos que este seria o sentido de base dessa preposição.

“A preposição *a* relacionada com certos verbos pode introduzir complementos, alguns deles se referindo a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência (meta)” (p.603). Também pode se referir a um ponto de origem ou a um destinatário.

Notamos, portanto, que há pontos de convergência entre as três preposições, como o sentido de meta que possui cada uma delas. Entretanto, de acordo com o contexto, as preposições *de*, *para* e *a* podem divergir em seu sentido de base. Assim, é aceitável que, pelas semelhanças de significações, a preposição *de* seja pertencente ao lugar de introdutor de OI do verbo *perguntar* juntamente com *para* e *a*.

Fica evidenciado que, segundo Neves (2000), não podemos compreender as palavras de maneira individual, mas a partir do contexto de uso em que cada uma delas está inserida. Isso se aplica também às preposições que, apesar de terem um sentido de base, assumem diferentes funções e significações a depender do contexto de uso.

1.3.5 Estudos variacionistas sobre as preposições

No Brasil, algumas pesquisas sociolinguísticas já foram realizadas com foco na variação de elementos introdutores de complementos verbais, principalmente com foco nas preposições que introduzem esses elementos. A seguir, discorreremos sobre alguns desses trabalhos que se mostraram bastante relevantes para que pudéssemos desenvolver esta pesquisa.

1.3.5.1 Silva (2010)

Silva (2010) aborda as variantes da preposição *para* no falar da cidade de Araguatins, estado do Tocantins, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. A investigação desse trabalho teve como objetivo “traçar o perfil linguístico dos falantes da cidade de Araguatins-TO no que diz respeito ao uso da preposição *para* e suas variações” (SILVA, 2010, p. 14).

A autora trabalha com três variantes, *para*, *pra* e *pa*⁴. As hipóteses iniciais do trabalho de Silva (2010) eram as seguintes: a variante *para* seria mais utilizada entre os informantes de maior escolaridade, enquanto *pra* e *pa* figurariam entre os informantes de escolaridade média e baixa; as mulheres usariam mais o *para* pelo fato de estarem mais propensas a utilizarem a forma de prestígio; os adultos e mais velhos usariam a forma de prestígio *para* e os mais jovens fariam uso de uma das outras formas; as variantes *pra* e *pa* apresentariam uma tendência maior de uso se seguida de consoantes ou de vogal central, ficando o *para* restrito a contexto de maior labialização; uma variante pode aparecer com maior frequência se precedida dela mesma (paralelismo formal).

No que se refere às variáveis independentes, a autora as divide em dois grupos: variáveis independentes (grupos de fatores) linguísticas e variáveis independentes extralinguísticas de acordo com as propostas de Tarallo (2007) e Coelho *et al.* (2015). As variáveis independentes linguísticas foram: contexto fonológico seguinte, presença da vibrante no item seguinte, paralelismo forma. As variáveis independentes extralinguísticas trabalhadas foram: sexo, escolaridade e faixa etária.

No tocante à variável “contexto fonológico seguinte”, a autora investiga o elemento sonoro que aparece logo após uma das variantes investigadas. A divisão desse grupo de fatores foi feita da seguinte maneira: labiais, coronais, dorsais, vogais anteriores e vogais centrais.

Quanto ao grupo de fatores “presença da vibrante no item seguinte”, trata-se de investigar a presença de uma consoante vibrante no item posterior à preposição. Divide-se em três fatores: presença da vibrante na primeira sílaba, presença da vibrante na segunda sílaba e ausência da vibrante no item seguinte.

O “paralelismo formal” se refere à presença de uma preposição igual precedendo e influenciando a ocorrência de alguma outra variante. Para sistematizar, a autora as divide em: ocorrência isolada, quando há apenas 1 preposição na sentença; primeira ocorrência, quando a preposição investigada é a primeira a aparecer na sentença; ocorrência antecedida de ‘pra’, quando a preposição investigada foi antecedida pela variante ‘pra’; ocorrência antecedida por ‘pa’, quando a preposição investigada foi antecedida pela variante ‘pa’.

Quanto à variável extralinguística sexo, baseado em estudos de outros pesquisadores, a autora propõe que seja investigado se o sexo (masculino ou feminino) tem alguma influência

⁴ As duas últimas variantes não foram consideradas na nossa pesquisa.

no uso de uma ou de outra preposição. A autora parte da hipótese, como vimos, de que as mulheres tendem a usar as variantes de maior prestígio, sejam elas inovadoras ou não.

No que se refere à variável escolaridade, seguindo a proposta de Votre (2003), a autora trabalha com três níveis de escolarização: escolaridade alta, média e baixa, definindo somente a escolaridade alta como sinônimo de nível superior.

Quanto à variável faixa etária, a autora trabalha com três fatores: entre 15 e 25 anos; entre 26 e 49 anos; mais de 49 anos. Pretendeu-se fazer um estudo para verificar se havia uma possível mudança linguística em curso ao comparar as faixas etárias mais baixas e mais altas.

O resultado geral apontou que a forma ‘pra’ é a mais utilizada entre os falantes de Araguatins, com 54% das ocorrências. A segunda forma mais usada foi ‘pa’, que apareceu em 45% das ocorrências. A variante ‘para’ apareceu em apenas 1% das ocorrências. Na análise por variáveis, o trabalho de Silva (2010) mostrou que as variáveis determinantes na análise estatísticas foram: contexto fonológico seguinte, escolarização, faixa etária e sexo.

A única variável independente de natureza linguística selecionada na rodada estatística foi o “contexto fonológico seguinte”. A análise mostrou que as vogais posteriores e anteriores são as que mais favorecem a ocorrência da preposição ‘pra’ (pesos relativos 0,66 e 0,60, respectivamente). No que tange à variante ‘pa’, foram mais significativas a vogal central e consoantes coronais (pesos relativos 0,66 e 0,54, respectivamente).

Em relação à escolaridade, a pesquisa constatou que os falantes com grau de escolaridade alta tendem a fazer mais uso da variante ‘pra’ (peso relativo 0,61). Enquanto isso, os falantes menos escolarizados preferem a variante ‘pa’ (peso relativo 0,63) e fazem pouco uso da variante ‘pra’ (peso relativo 0,37).

A análise também mostrou que o grupo de fatores “faixa etária” também se mostrou bastante significativo para a variação das preposições em questão. Os informantes de 15 a 25 anos fazem maior uso da variante ‘pra’ (peso relativo 0,55) e, segundo a autora, isso ocorreu por estarem em contato com o ambiente escolar. A faixa etária entre 26 e 49 anos faz maior uso da variante ‘pa’ (peso relativo 0,54) e os mais velhos utilizam mais a variante ‘pra’ (peso relativo 0,56).

Quanto ao grupo de fatores sexo, constatou-se que as mulheres utilizam mais a variante ‘pra’ (peso relativo 0,53) e os homens preferem a variante ‘pa’ (peso relativo 0,53). A autora conclui que a forma ‘pra’ pode ser considerada prestigiada no falar de Araguatins, pois, além de ser mais usada pelos falantes mais escolarizados, também tem uso mais difundido entre os informantes do sexo feminino.

1.3.5.2 Barros e Ribeiro (2011)

Barros e Ribeiro (2011) realizaram uma investigação sobre a variação das preposições introdutoras de DP⁵ dativo em Helvécia-BA. As autoras discutem as possibilidades, a partir de Moraes e Berlinck (2007), de preenchimento da primeira posição de DP por uma preposição. Argumentam que, no português brasileiro (PB), é comum que, em ambientes mais formais, a preposição ‘a’ ocorra introduzindo DP dativo, enquanto que, em situações mais informais, é comum que esta preposição seja substituída pela preposição ‘para’. Partindo de um outro trabalho realizado por uma das autoras (BARROS, 2008), Barros e Ribeiro (2011, p. 210) afirmam que o fenômeno de variação entre ‘a’ e ‘para’ introduzindo DP dativo “pode ser constatado na comunidade de Helvécia, onde há variação e possível mudança no que se refere à realização das preposições *a* e *para*, em que haja predominância da segunda em detrimento da primeira”.

As autoras realizaram um estudo estatístico, controlando as variáveis extralinguísticas “faixa etária”, “sexo”, “escolaridade” e “tempo de estadia fora da localidade”. No que se refere à faixa etária, as autoras dividem-na em: faixa etária 1 (20-40 anos), faixa etária 2 (41-60 anos) e faixa etária 3 (acima de 60 anos). Quanto ao sexo, a pesquisa apresenta dados de 6 homens e 6 mulheres. No que diz respeito à escolaridade, os informantes foram analfabetos e semianalfabetos. Também foram consideradas as variáveis linguísticas “estrutura de VP⁶”, e “tipo semântico do verbo”.

Sobre a “estrutura de VP”, trata-se da consideração a respeito da ordem dos elementos internos de VP. São duas as possibilidades, segundo as autoras. A primeira, pode ser ilustrada com o esquema [V tema dat], que pode ser com posição preposicional preenchida ou não, e [V dat tema].

Quanto ao “tipo semântico do verbo”, tem relação com a denotação de um verbo, como exemplificam as autoras, verbos de movimento, verbos de transferência, verbos de questionamento, dentre outros.

Os resultados foram bastante significativos e confirmaram a hipótese de Moraes e Berlinck (2007), trabalhada também por Barros e Ribeiro (2011), segundo a qual, a preposição ‘para’ substitui a preposição ‘a’ em contexto de introdução de DP dativo, conforme tabela abaixo:

⁵ Da teoria gerativa, Determiner Phrase, traduz-se como sintagma determinante.

⁶ Sintagma Verbal, proveniente do inglês “Verbal Phrase”.

Quadro 4 - As preposições em contexto de introdução de DP dativo

	para	A	Total
Ocorrências	74	14	88
Frequência	84%	16%	100%

Fonte: Barros e Ribeiro (2011)

Como pudemos observar, a ocorrência de ‘para’ é bem mais significativa do que a de ‘a’. Desta feita, conclui-se que, com base nessa análise geral, em contextos menos formais, há um quase desuso da preposição ‘a’, normalmente tida como mais normativa.

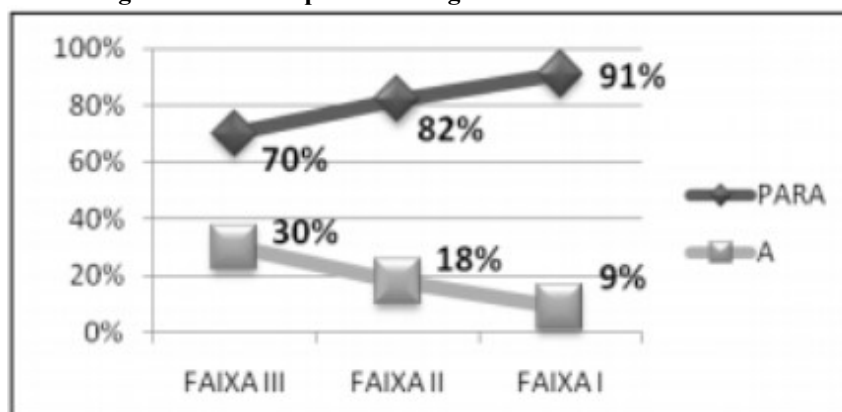
A análise das variáveis apontou resultados interessantes. Sobre a variável “estrutura de VP”, concluiu-se que ela teve uma participação pouco significativa para a escolha de uma ou de outra variante. A ordem direta [V tema dat] é a que mais favorece o uso da preposição ‘para’, com 87% das ocorrências. Quando se trata da preposição ‘a’, o fator mais determinante é [V dat tema].

No que concerne à variável “tipo semântico do verbo”, as duas preposições apresentam variação apenas em verbos de transferência material (como ‘dar’, ‘passar’, ‘entregar’) e de transferência verbal (como ‘falar’, ‘mencionar’, ‘dizer’, *perguntar*). Nesse caso, a preposição ‘a’ tende a ocupar maior espaço, visto que o ‘para’ também pode ser categórico em outros contextos (como em verbos de movimento).

No que se refere à faixa etária, a pesquisa de Barros e Ribeiro (2011) mostrou que os mais jovens tendem a preferir o uso da preposição ‘para’, com 71% das ocorrências. A faixa etária intermediária apresenta um uso um pouco menor, com porcentagem de 82% e a faixa etária mais elevada, dos mais velhos, apresenta uso de 70% da preposição ‘para’. Considerando a preposição ‘a’, quem mais faz uso são os informantes da faixa etária 3 com 30% das ocorrências.

As autoras argumentam que, provavelmente, há uma mudança linguística em curso com relação ao uso da preposição ‘para’ em detrimento da preposição ‘a’, fato este que é observado pela linha do gráfico presente na figura 1:

Figura 1 - Uso de 'para' e 'a' segundo a faixa etária



Fonte: Barros e Ribeiro (2011)

Quando considerada a escolaridade dos informantes, o resultado da pesquisa apontou que os semianalfabetos são os que mais utilizam a preposição ‘para’, com percentual de 93%. Os analfabetos utilizaram a preposição ‘para’ em 72% das vezes. Em relação à preposição ‘a’, os analfabetos são os que mais a utilizaram, com 28% das ocorrências.

1.4 A concepção de Objeto Indireto na visão das Gramáticas Normativas e das descritivas

Existe certa distinção entre o conceito de OI para as gramáticas tidas como normativas (aquelas encarregadas de prescrever) e para as gramáticas descritivas. Apesar disso, como veremos adiante, também é possível que se faça correlações entre essas posições teóricas.

A gramática normativa postula que o objeto indireto está ligado ao verbo. Assim, Cegalla (2009) apresenta a classificação de alguns verbos como verbos transitivos indiretos cujo complemento verbal seria, de igual modo, indireto necessitando de uma ponte entre verbo e complemento, a preposição. Logo, para esse autor, “objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal” (CEGALLA, 2009, p. 352).

Outro gramático menos normativo, mas que apresenta semelhante visão sobre o OI é Evanildo Bechara. O autor aponta que

Integrada à delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (complemento direto ou complemento relativo), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição a e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento) [...] (BECHARA, 2009, p. 421).

Notamos, portanto, que Bechara apresenta o OI como um termo da oração introduzido pela preposição *a*. Logo, OI para esse autor é todo elemento que se opõe ao objeto direto, sendo o argumento que representa a interação comunicativa.

No que se refere às gramáticas descritivas, o conceito tende a ser diferente. Castilho (2016), por exemplo, afirma que há algumas características para se considerar um elemento como OI. Segundo o autor, os OI têm ligação direta com o dativo latino, correspondendo, grande parte das vezes, aquela função a este caso. Por isso, o OI dos verbos sempre será intercambiável com pronomes dativos “-me, -te, -lhe” etc. (CASTILHO, 2016). Além disso, para Castilho, outras características do OI são: sempre é preenchido por um sintagma preposicionado (SPrep); não é possível convertê-lo à voz passiva; ocorre junto com objeto direto; ocorre, corriqueiramente, após o verbo e é sucedido pelo objeto direto. O autor ainda elucida que o papel temático do OI, em grande parte das vezes é /beneficiário/, ou seja, tem sentido de recepção. No caso desta pesquisa, o OI recebe uma pergunta, exercida semanticamente pelo verbo *perguntar*.

Perini (2010), por sua vez, não aponta uma classificação precisa para objeto indireto, deixando a nomenclatura *objeto* para um sintagma nominal que não venha a ser o sujeito da oração. É possível, no entanto, tentar localizar, dentro do que pretende esse autor, os OI como elementos regidos principalmente por sintagmas preposicionais, determinados semanticamente ou por destinação de papel temático pela preposição ou através do verbo. No caso deste trabalho, o papel temático é exclusivamente pelo verbo, sendo as preposições apenas elementos regidos pelo verbo o que autoriza a classificá-las como **funcionais**.

Vimos algumas posições sobre OI nas gramáticas tradicionais e nas descritivas. Apesar de vários pontos divergentes, é possível notarmos que as preposições são elementos bastante importantes, haja vista, que as duas posições teóricas as inseriram como componentes de OI (quando se tratar de verbos). Neste estudo, procuraremos esclarecer se há padrões de seleção de preposições funcionais introdutoras de OI, principalmente do verbo *perguntar*.

1.5 O verbo *perguntar*

Um dos componentes desse nosso estudo é a regência do verbo ‘*perguntar*’ como VTI já que este é o que apresenta a variação nas preposições introdutoras de OI na fala manauara. Ravizza (1940) elucida que o verbo *perguntar*, proveniente do latim *percontare*, em seus

primórdios clássicos, poderia apresentar dois acusativos ou ablativo + *de*, o que leva o autor à conclusão de que havia duas construções para *percontare*:

Oro, rogo, interrogo e percontor, interrogo, pergunto, têm dois acusativos quando o nome da coisa é um pronome neutro: id te rogo, illud te rogo nos outros casos o nome da coisa põe-se, quase sempre, no ablativo com de: rogo, interrogo te de itinere, interrogo-te sobre a viagem; te interrogo de iisdem rebus, interrogar-te-ei sobre as mesmas coisas. Observações. — 1) O verbo percontari, indagar, tem dupla construção. Além de percontari aliquem de aliqua re, pode-se também dizer: percontari aliquid a, ab ; ex; de aliquo. 2) Os dois acusativos só são fixos na fórmula parlamentar: rogare aliquem sententiam, *perguntar* a alguém o seu parecer. Observações. — 1) O verbo percontari, indagar, tem dupla construção. Além de percontari aliquem de aliqua re, pode-se também dizer: percontari aliquid a, ab ; ex; de aliquo. 2) Os dois acusativos só são fixos na fórmula parlamentar: rogare aliquem sententiam, *perguntar* a alguém o seu parecer (p. 218-219).

O excerto anterior coloca-nos diante de uma certeza: o verbo *perguntar*, mesmo em latim clássico, já “regia” não apenas um, mas várias preposições.

De acordo com Nascentes (1955), essa palavra foi passando por um processo gradual de mudança, sendo implementada em português quando já estava perdendo a vogal final (-e), o que explica a pronúncia atual. Atualmente, esse verbo é bastante usual em PB, apresentando características determinantes para nossa pesquisa, como o caso de sua transitividade.

Para Castilho (2016), a transitividade é um dos fatores mais importantes do verbo. Ele postula que

A transitividade é sem dúvida alguma a propriedade gramatical mais importante do verbo. Sendo um princípio, encontramos sua atuação por toda a língua. Sua importância gramatical está em estruturar a sentença, ao selecionar seus argumentos. (CASTILHO, 2016, p. 396),

Em PB, o verbo *perguntar* pode apresentar as seguintes transitividades: pode ser indireto (VTI), transitivo direto (VTD), transitivo direto e indireto (VTDI) e intransitivo (VI), conforme os exemplos a seguir:

- (3) Não me pergunte sobre questões pessoais
- (4) O juiz perguntou o réu.
- (5) Minha mãe perguntou do jogo para mim.
- (6) Meu filho gostava de *perguntar*⁷

Para este trabalho, o interesse principal consta na transitividade indireta, ou seja, quando necessita de preposição para que o verbo seja ligado ao complemento, pois trataremos exclusivamente das preposições introdutoras de OI.

⁷ Exemplos retirados do site <http://dicio.com.br>

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A Sociolinguística foi, realmente, um divisor de águas nos estudos Linguísticos. Anteriores a ela, as abordagens epistemológicas nos estudos linguísticos consideravam a língua separadamente de seu contexto de uso real, baseando-se na estrutura ou em aspectos cognitivos dos falantes. A construção de uma teoria social da língua(gem) implica a resolução de problemas clássicos dos estudos linguísticos, como a variação e a instabilidade do sistema. Com a Sociolinguística, um leque de possibilidades de descrição se abriu para os linguistas de todo o mundo.

Como parte da evolução teórica a que as ciências estão sujeitas, a Sociolinguística passou a abranger mais níveis de análise, privilegiando também o nível da palavra, das sentenças e do discurso e saindo do exclusivo domínio lexical e fonético-fonológico a que vinha sendo submetida.

Aqui, discutimos um pouco as epistemologias às quais a Sociolinguística se opôs em seu início. Também fizemos um levantamento teórico sobre as preposições e a percepção que as gramáticas normativas e descritivas têm a respeito do OI. No próximo capítulo abordaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevemos a metodologia usada nesta pesquisa. Expomos aqui qual a abordagem, o método e a técnica de pesquisa dos quais fizemos uso na coleta e análise dos dados. Primeiro, faremos uma descrição do perfil da cidade de Manaus. Depois, abordaremos a escolha da metodologia e justificaremos a abordagem de análise. Após isso, passaremos a montar o envelope da variação, descrevendo os grupos de fatores levados em consideração. Por fim, enfocaremos os procedimentos de análise estatística.

2.1 Contexto da pesquisa: a cidade de Manaus

A cidade de Manaus, a capital do Estado do Amazonas, está localizada à margem do Rio Negro. De acordo com Pontes Filho (2000), a cidade surgiu em 1669 com o nome de Forte São José da Barra do Rio Negro. Posteriormente, formou-se um povoado que ficara conhecido como Lugar da Barra, sendo a sede da Comarca de São José do Rio Negro.

Em 1832, o Forte da barra torna-se Vila da Barra e, em 24 de outubro de 1848, recebe o título de cidade ficando conhecida como Cidade da Barra de São José do Rio Negro. Em setembro de 1956, em homenagem a seus antigos ocupantes indígenas da tribo dos Manáos, passa a se chamar Cidade de Manaus.

A cidade passou por um grande crescimento econômico no final do século XIX e início do século XX (PONTES FILHO, 2000), no período que ficou conhecido como ciclo da borracha. Nesse período, houve uma grande migração rumo ao interior do Amazonas, principalmente de pessoas provenientes do Nordeste do Brasil.

O período áureo da borracha deixou sua marca para a posteridade da cidade, principalmente no que diz respeito aos aspectos arquitetônicos. O Centro Histórico abriga grandes obras da época como o Teatro Amazonas e a Alfândega. Entretanto, não demoraria para que esse período de riqueza e desenvolvimento se esgotasse. De acordo com Souza (2010)

Pelos salões, nos restaurantes, nos jornais, era possível ver a face que a alienação queria impor. Por essa desenfreada entrega do Amazonas à alienação, numa fictícia circulação de rendas, o Estado naufragaria definitivamente no delírio (SOUZA, 2010, p. 96).

De acordo com Nascimento Figueiredo (2011), William Jones, inglês, contrabandeou cerca de 10 mil mudas de seringueira para as colônias inglesas no sudeste asiático, região com clima parecido com a região amazônica. O plantio da borracha da Ásia era baseado no manejo

para produção em larga escala e a mão de obra era muito mais barata, o que fez com que a borracha asiática tivesse um custo-benefício muito melhor que a produzida no Amazonas. Com isso, a produção da borracha entrou em declínio, o que fez com que essa situação refletisse na própria situação da cidade que, por anos, viveu sob a égide do esquecimento.

A situação começa a mudar apenas na década de 1970, com a criação de uma Zona de Livre Comércio que ficou conhecida como Zona Franca de Manaus. Tratava-se que um acordo de isenção de impostos com prazo de validade que permitiu que muitas empresas pudessem ser instaladas na cidade. Assim, o centro econômico do Estado passou a ser em Manaus, fato que provocou uma segunda onda migratória, dessa vez do interior para a cidade (SOUZA, 2010).

Com base em dados do IBGE (2010), no último censo realizado no país, a cidade contava com 1.802.014 habitantes, e a densidade demográfica é de 158,06 habitantes por quilômetro quadrado. No que concerne à economia, dados do IBGE apontam que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital amazonense é de 0,737 (IBGE, 2010).

Os bairros da cidade de Manaus são agrupados por zonas. No total, há seis zonas na cidade: Norte, Oeste, Sul, Leste, Centro-Oeste e Centro Sul (ver figura 2).

Figura 2 - As zonas da cidade de Manaus



Fonte: Google Imagens

Esta pesquisa investigará a variação linguística do fenômeno em questão com base em dados coletados de informantes provenientes do bairro Praça 14 de Janeiro. O bairro Praça 14 (como é tradicionalmente chamado pelos manauaras) é um dos mais antigos de Manaus sendo fundado ainda no século XIX⁸. Sua população é composta por pessoas nascidas no Amazonas e também por indivíduos provenientes de outros estados. A escolha por esse bairro se deu por conta de se tratar de um dos mais antigos da cidade. Ainda, por objetivarmos realizar uma pesquisa para registrar a ocorrência do fenômeno em estudo, optou-se por realizar a pesquisa com dados apenas desse bairro, a entender, assim, que outros trabalhos possam ser realizados a fim de demonstrar a ocorrência do fenômeno também em outras zonas da cidade.

2.2 Escolha da metodologia

Conforme vimos na introdução, a Sociolinguística Variacionista é uma subárea da Linguística que estuda a língua e sua relação com a sociedade. As análises feitas pelos sociolinguistas são fruto da quantificação de dados linguísticos baseados em determinada variável linguística ou extralinguística. Pelo fato de esta pesquisa estar inserida na Sociolinguística Variacionista, sua abordagem é, automaticamente quantitativa.

A abordagem quantitativa permite que a pesquisa alcance resultados com base em dados quantificáveis. De acordo com Maria Marly de Oliveira (2012, p. 61),

Este tipo de abordagem significa quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários, entrevistas, observações, assim como “o emprego de recursos e técnicas estatísticas desde os mais simples, como porcentagem, média, moda, mediana e desvio-padrão, até as de uso mais complexo como coeficiente de correlação, análise de regressão”, segundo Silvio Oliveira (1997, p.115).

A Sociolinguística apresenta um método próprio de pesquisa. Conforme Labov (2008 [1972]), a pesquisa sociolinguística deve seguir rígidos parâmetros de coleta e tratamento de dados. Para esse autor, a investigação de campo deve ser direcionada de modo que não influencie, sob hipótese alguma, o vernáculo do informante. Para isso, o método sociolinguístico deve adotar técnicas que permitam ao pesquisador ter acesso ao vernáculo.

A técnica que utilizamos para a coleta de dados será a entrevista. Segundo Gil (2008, p. 109)

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que

⁸ Informação dada pelo Jornal do Commercio do Amazonas em www.jcam.com.br, acesso em 01.02.2020.

interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O autor apresenta ainda a classificação das entrevistas com base em seus objetivos. Neste trabalho, de cunho sociolinguístico, utilizamos a entrevista informal que é pouco menos estruturada, mas sem deixar de lado um roteiro, haja vista que pretendemos coletar dados que apresentem o uso linguístico da variável que iremos investigar.

Com William Labov, a Sociolinguística rumo a uma metodologia própria e, por isso, a área também apresenta a entrevista como o meio mais eficaz de coleta da fala espontânea, ou seja, o vernáculo. Labov (2001) comenta que a entrevista é o meio pelo qual o pesquisador pode chegar a dados quantitativos mais sólidos com relação à variação linguística. Por sua vez, Eckert (2001) argumenta que a coleta de dados feita através das entrevistas permite que se obtenha uma amostragem maior, ou seja, informações múltiplas de informantes variados.

A condução da entrevista foi feita de maneira que o informante obtivesse a palavra pelo maior tempo possível. Isso se deve ao fato de concordarmos com Milroy e Gordon (2003) quando dizem que é recomendável que o informante não produza respostas curtas para que se possa conseguir mais acesso ao vernáculo. Os autores ainda afirmam que cabe ao entrevistador elaborar perguntas que pressuponham respostas com longa duração.

O trabalho com as entrevistas visa à coleta de amostras mais próximas do vernáculo que, para Labov (2008 [1972], p. 244), é “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Nosso objetivo era, portanto, verificar a variação no elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* enquanto VTI na fala manauara em uma situação comunicativa que expusesse o vernáculo, ou seja, a real maneira de falar dos informantes e, conseqüentemente, de sua comunidade de fala. Por ser um fenômeno de natureza sintática, a variação nas preposições de OI do verbo *perguntar* é de difícil captura porque os informantes produzem poucos dados com esse fenômeno, o que pressupõe uma entrevista mais dirigida. Para tentar vencer essa dificuldade, selecionamos alguns temas em que havia a possibilidade de ocorrência, tanto do verbo *perguntar* quanto das preposições introdutoras de OI. Esses temas giram em torno de localização de estabelecimentos na cidade, pontos de ônibus, shoppings, dúvidas no trabalho, dentre outros (ver apêndice 3).

O instrumento foi pilotado em um momento anterior à coleta de dados para que se fosse possível identificar eventuais falhas e corrigi-las em tempo hábil.

2.3 A seleção de informantes e o envelope da variação

Para Labov (2008 [1972]), a melhor maneira de coletar dados reais da fala é através de entrevistas individuais. Com isso, é possível estabelecer uma amostra do falar que se pretende investigar. Ainda de acordo com Labov (2008 [1972]), os informantes devem estar preferencialmente distribuídos em igual número de acordo com as variáveis extralinguísticas que forem, eventualmente, levadas em consideração.

De acordo com Mollica *et al.* (2004, p. 11),

Uma variável é concebida como dependente do sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrências.

A seleção dos informantes para esta pesquisa foi realizada de acordo com as variáveis de natureza social e tem como objetivo verificar se existe uma possível influência no elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* no falar manauara. A escolha dos critérios foi feita com base em Tarallo (1982). Para esse autor, ao se realizar a seleção dos informantes, o pesquisador deve trabalhar fatores como sexo, escolaridade, localidade, classe social, dentre outros.

2.3.1 Envelope da variação

Em uma pesquisa sociolinguística em que a análise estatística é feita através de *software* específico, é necessário que se faça a descrição do que se convencionou chamar de envelope da variação, termo esse que designa as variáveis independentes a serem consideradas no trabalho.

Sendo assim, faremos, a seguir, a descrição das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que serão contempladas na nossa análise.

2.3.1.1 Variáveis linguísticas

A possível influência de aspectos linguísticos na variação do elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* será observada a partir dos critérios que estão descritos abaixo. Ressaltamos que, devido ao objeto deste trabalho não ter sido estudado nos mesmos moldes anteriormente por outros pesquisadores e em outras localidades, as considerações acerca dessas variáveis linguísticas foram feitas a partir de leituras de trabalhos com teor parecido ao nosso.

2.3.1.1.1 Tempo verbal

A primeira das variáveis linguísticas considerada neste trabalho foi o *tempo verbal*. Com isto, objetivamos verificar se as variações de conjugação temporal do verbo *perguntar* podem favorecer o uso de alguma preposição especificamente. Logo, a análise principal, para essa variável levou em consideração o verbo e as preposições que o seguem. Dividimos os tempos verbais em pretérito perfeito, pretérito imperfeito, presente, futuro do presente e futuro do pretérito. No Quadro 5, sintetizamos o grupo de fatores *Tempo verbal*.

Quadro 5 - A variável tempo verbal	
TEMPO VERBAL	
	Pretérito perfeito
	Pretérito imperfeito
	Presente
	Futuro do Presente
	Futuro do pretérito

2.3.1.1.2 Modo verbal

Quanto aos modos verbais, analisamos mais uma vez se a influência nessa variação advém do verbo. A variável *modo verbal* foi classificada em três: indicativo, subjuntivo e imperativo. O Quadro 6 ilustra essa variável que pretendemos controlar.

Quadro 6 - A variável modo verbal	
MODO VERBAL	
	Indicativo
	Subjuntivo
	Imperativo

2.3.1.1.3 Tipologia de frases

Quanto à tipologia das frases, analisamos a característica que classificamos como [+ interrogativa] para as frases que denotem perguntas e [- interrogativas] para outros tipos de frases:

Quadro 7 - A variável tipologia das orações

TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES
Orações [+ interrogativas]
Orações [-interrogativas]

2.3.1.1.4 Ordem dos constituintes

Também observamos como a ordem dos constituintes nas frases age enquanto fator favorecedor para a variação linguística em estudo. O Quadro 8 abaixo demonstra essa variável:

Quadro 8 - A variável ordem dos constituintes

ORDEM DOS CONSTITUINTES
V + Complemento
Complemento + V

2.3.1.2 Variáveis extralinguísticas

As pesquisas de cunho variacionista também se encarregam de verificar possíveis influências de natureza extralinguística no processo de variação. A seguir, listamos as variáveis extralinguísticas levadas em consideração nesta pesquisa.

2.3.1.2.1 Sexo

Conforme Milroy e Gordon (2003), a definição “sexo” encontra-se mais ligada à condição biológica enquanto a definição de “gênero” relaciona-se com a condição social. A quantificação dos dados deve ser feita com base no sexo, mas a análise deverá levar em consideração o gênero. Nesta pesquisa, os informantes foram classificados de acordo com o sexo em “homens” e “mulheres” de modo que o número de informantes seja igual para ambos.

2.3.1.2.2 Faixa-etária

Com base em Labov (2008 [1972]), é possível afirmar que a variação linguística é condicionada fortemente pela faixa-etária do informante. A coleta de dados que considera

esse condicionador possibilita, também, que o pesquisador realize análises sobre a mudança linguística. Como vimos no capítulo anterior, este é um dos nossos objetivos e por isso acrescentamos faixa-etária como um dos grupos de fatores.

A seleção das faixas-etárias dos informantes para esta pesquisa baseou-se no Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) elaborado por Cruz (2004). As faixas-etárias que controlamos foram as seguintes: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos, 56 anos em diante. Na seção “critérios de exclusão de informantes”, apresentamos os motivos pelos quais não incluímos faixas-etárias menores que 18 anos.

2.3.1.2.3 Escolaridade

Outro fator que pode influenciar a variação é a escolaridade dos falantes. Várias pesquisas têm abordado esse elemento e uma delas, o ALAM (CRUZ, 2004) considerou este um dos fatores de relevância para a seleção de informantes. Assim, seguimos o que diz esse trabalho e nesta pesquisa optamos por dois níveis de escolaridade: 4 a 8 anos de escolarização e 8 a 11 anos de escolarização.

2.3.2 Critérios de exclusão dos informantes

Explicamos, anteriormente, os motivos pelos quais escolhemos os informantes desta pesquisa. Optamos por também esclarecermos as motivações de não escolhermos determinados indivíduos como informantes.

O primeiro critério de exclusão é a origem do indivíduo. Como o objetivo da pesquisa é descrever o falar manauara, julgamos que os indivíduos que não nasceram na cidade de Manaus não estavam aptos, de acordo com nossos objetivos, a participar deste estudo.

Optamos por excluir, também, pessoas que tenham se afastado da cidade por período igual ou superior a 10 anos. Isso porque o contato linguístico pode influenciar o uso do falante. O contato com outros dialetos pode acarretar um dialeto híbrido, não sendo, portanto, uma amostra representativa. Além disso, julgamos imprescindível que o informante não tivesse se afastado da cidade no período de aquisição da linguagem (0-12 anos).

Excluimos os informantes com menos de 18 anos de idade devido aos trâmites do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e à dificuldade para liberação dessas pessoas para participarem de pesquisas destes moldes. O tempo que dispomos para a realização deste trabalho não nos permite a elaboração de material para trabalhar com essa faixa-etária de forma legal.

A avaliação da aptidão ou não do informante foi feita a partir da ficha social que consistiu em uma conversa prévia em que o indivíduo disponibilizou as seguintes informações: nome, idade, escolaridade, cidade de nascimento e se houve afastamento da cidade de Manaus.

2.4 Variáveis independentes e as células sociais

Conforme discutimos nas subseções anteriores, os dados referentes ao corpus desta pesquisa foram coletados na cidade de Manaus, mais especificamente no bairro Praça 14 de Janeiro. Os informantes foram todos manauaras que não se afastaram da cidade por mais de 10 anos. Ao todo, foram entrevistadas 12 pessoas, classificadas conforme o Quadro 9 a seguir:

Quadro 9 - Perfil dos informantes

CÓDIGO	PERFIL DO INFORMANTE
MA1f1H	Faixa etária 1; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MB1f1M	Faixa etária 1; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MC1f1H	Faixa etária 1; 9 a 11 anos de escolarização, homem
MD1f1M	Faixa etária 1; 9 a 11 anos de escolarização, mulher
ME1f2H	Faixa etária 2; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MF2f2M	Faixa etária 2; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MG1f2H	Faixa etária 2; 9 a 11 anos de escolarização, homem
MH2f2M	Faixa etária 2; 9 a 11 anos de escolarização, mulher
MI1f3H	Faixa etária 3; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MJ2f3M	Faixa etária 3; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MK1f3H	Faixa etária 3; 9 a 11 anos de escolarização, homem
ML2f3M	Faixa etária 3; 9 a 11 anos de escolarização, mulher

MA1f1H	Faixa etária 1; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MB1f1M	Faixa etária 1; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MC1f1H	Faixa etária 1; 9 a 11 anos de escolarização, homem
MD1f1M	Faixa etária 1; 9 a 11 anos de escolarização, mulher
ME1f2H	Faixa etária 2; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MF2f2M	Faixa etária 2; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MG1f2H	Faixa etária 2; 9 a 11 anos de escolarização, homem
MH2f2M	Faixa etária 2; 9 a 11 anos de escolarização, mulher
MI1f3H	Faixa etária 3; 4 a 8 anos de escolarização, homem
MJ2f3M	Faixa etária 3; 4 a 8 anos de escolarização, mulher
MK1f3H	Faixa etária 3; 9 a 11 anos de escolarização, homem
ML2f3M	Faixa etária 3; 9 a 11 anos de escolarização, mulher

Com base na pesquisa de Cruz (2004), organizamos a distribuição das células sociais de modo que a amostragem dos dados seja representativa. Entretanto, no que diz respeito às variáveis linguísticas, ou dependentes, por não haver nenhum trabalho sobre o fenômeno estudado por nós, esta pesquisa objetivará também identificar se os fatores linguísticos influenciam e, em caso positivo, quais deles são mais significativos para o fenômeno em estudo. O Quadro 10 mostra como dividimos os informantes com base nas células sociais.

Quadro 10 - Células sociais

	18 a 35 anos		36 a 55 anos		56 em diante	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
4 a 8 anos de escolarização	1	1	1	1	1	1
9 a 11 anos de escolarização	1	1	1	1	1	1

2.5 Tratamento do áudio, transcrição e quantificação

Neste trabalho, fizemos uma observação sistemática dos dados conforme recomendado por Labov (2008 [1972]). Para isso, utilizamos na coleta de dados o gravador de áudio SAMSUNG A30, pois é um instrumento eficiente que se adequa aos recursos disponíveis para a realização desta pesquisa. As entrevistas foram realizadas no tipo *diálogo entrevistador/entrevistado* e tiveram duração de 40 a 120 minutos. O armazenamento dos dados foi feito por meio digital, em um computador da marca LENOVO, visando à sua disponibilização para pesquisas futuras.

Os áudios das entrevistas foram transcritos com base nas regras de transcrição do projeto Norma Urbana Culta (cf. ANEXOS) e, após isso, analisados com o apoio do programa estatístico *Goldvarb X*, desenvolvido especialmente para estudos com variáveis linguísticas e extralinguísticas.

O *Goldvarb X* é uma aplicação disponível para aparelhos com *Windows* e trata-se de um instrumento de análise multivariada baseada em uma versão anterior, o *Goldvarb 2.0* (SANKKOF, TAGLIAMONTE, SMITTH, 2005). A utilização desse programa garantiu que a pesquisadora mantivesse maior rigor estatístico para o tratamento dos dados.

2.6 Codificação das variáveis

A seguir, descrevemos a codificação feita para a submissão das variáveis ao programa estatístico:

VARIANTES

de – 0

para – 1

a – 2

TEMPO VERBAL

Preterito perfeito – a

Pretérito imperfeito – b
Presente – c
Futuro do Presente – d
Futuro do pretérito – e

MODO VERBAL

Indicativo – 3
Subjuntivo – 4
Imperativo – 5

FORMA NOMINAL DO VERBO

Infinitivo – x
Particípio z
Gerúndio y

TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES

Orações [+ interrogativas] - f
Orações [- interrogativas] – g

ORDEM DOS CONSTITUINTES

V + Complemento - 6
Complemento + V – 7

SEXO

Masculino – M
Feminino – F

Faixa etária

18-35 – 1
36-55 – 2
56 – 3

Escolaridade

Escolaridade 1 – A
Escolaridade 2 – B

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa. No primeiro momento, apresentamos alguns aspectos relevantes acerca da cidade de Manaus. Em seguida, justificamos a escolha da metodologia. Por fim, fizemos a descrição do envelope da variação e o tratamento dos dados.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

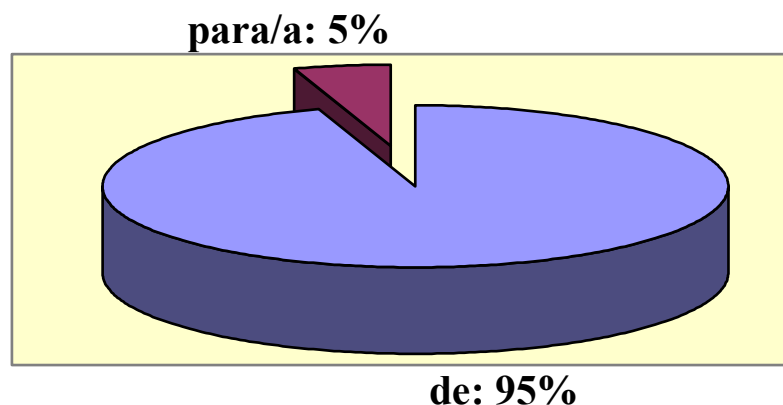
Neste capítulo, apresentaremos os grupos de fatores que foram elencados como determinantes para a variação no elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* no falar manauara a partir das rodadas estatísticas realizadas com o programa *GoldVarbX*. Apresentamos as hipóteses levantadas para cada uma das variáveis e cruzamos os resultados estatísticos a fim de verificar se as hipóteses se confirmaram ou não.

3.1 Resultados gerais

Para esta pesquisa foram entrevistados 12 informantes, residentes no bairro Praça 14 de Janeiro. A geração de dados foi feita com base em entrevistas gravadas que tiveram, cada uma, de 40 a 120 minutos de duração. Algumas entrevistas foram mais trabalhosas devido à dificuldade de conseguir que o falante realizasse espontaneamente o fenômeno, fato este que resultou em maiores intervenções do entrevistador. A pesquisa obteve um total de 647 dados, os quais são analisados a seguir.

A hipótese da qual esta pesquisa partiu era de que a preposição *de* seria a mais produtiva na fala dos moradores da Praça 14. Essa hipótese se confirmou, o que pode ser visto no Gráfico 1, em que as variantes preposicionais *para* e *a* totalizam apenas 5% das realizações do OI do verbo *perguntar*, o que é muito pouco se comparado à realização da preposição *de* para o mesmo referente, cujo percentual de ocorrência é 95%.

Gráfico 1 - Resultados gerais



É bastante significativo esse resultado uma vez que pesquisas como Silva (2010) e Barros e Ribeiro (2011) não encontraram registo algum da preposição *de* como elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* enquanto VTI. Também nas gramáticas normativas às

quais fizemos consulta (ROCHA LIMA, 1999; BECHARA 2009) não encontramos registro dessa preposição na posição por ela ocupada nos dados desta pesquisa.

Tomando a preposição *de* em oposição apenas à preposição *para*, temos o seguinte resultado:

Tabela 1 - Ocorrências das preposições *de* e *para*

<i>Variante</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
<i>De</i>	613	97
<i>Para</i>	15	3

Como mostrado na Tabela 1, a variante *de* apresenta percentual de ocorrência em 97%, enquanto *para* apresenta em 3% apenas. No exemplo (7), temos a realização da variante *para* na forma *pras*.

(7) [...] *quando acontece d'eu não saber um lugar... e tal... às vezes eu pergunto pras... pras pessoas que eu vejo. (MAIfIH)*

Quando opomos a variante *de* com a variante *a*, temos o seguinte resultado:

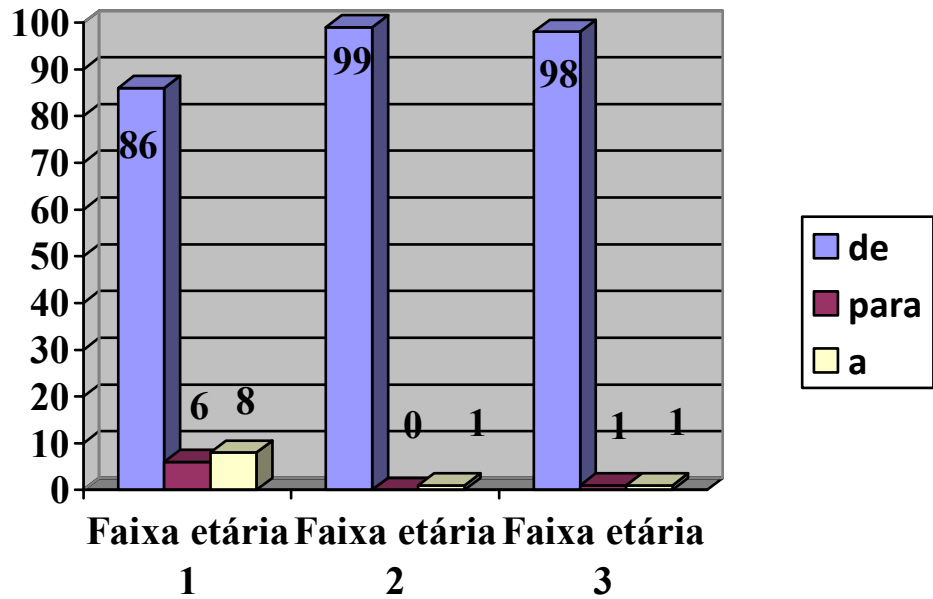
Tabela 2 - Ocorrências das preposições *de* e *a*

<i>Variante</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
<i>De</i>	613	96
<i>A</i>	18	4

Com a oposição entre as preposições *de* e *a*, o cenário não muda muito, visto que em apenas 4% das vezes ocorre *a*, e em 96%, *de*. O exemplo (8) mostra a ocorrência do verbo *perguntar* regendo a preposição *a*.

(8) *bem, quando eu tinha um dúvida, éh,... eu perguntava aos meus colegas porque eles sempre... me davam ideias.*

A disposição de ocorrência das três variantes por faixa etária também foi diferente. Com base nas rodadas estatísticas, pudemos ver que a preposição *de* foi a mais usada por todas as faixas etárias, apesar de a faixa etária dos mais jovens apresentar percentuais um pouco menores:

Gráfico 2 - Uso das variantes *de*, *para* e *a* por faixa etária

A partir disto, então, buscamos verificar nas rodadas estatísticas seguintes quais seriam os grupos de fatores, linguísticos e extralinguísticos, que estariam condicionando esse grande uso da preposição *de*, optando por escolhê-la como aplicação da regra, em detrimento das demais. Passamos, então, a descrever as rodadas estatísticas.

3.2 Resolvendo *knockouts*

Na linguagem de programação do *GolvarbX*, a palavra *knockout*, ou aportuguesando, nocaute, indica que um determinado fator de determinado grupo de fatores não apontou variação, ou seja, teve percentual de uso de uma variante em 0 (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Quando ocorre essa condição, o programa estatístico fica impossibilitado de gerar peso relativo, elemento que exprime a probabilidade, o que inviabiliza uma análise mais precisa dos fenômenos linguísticos. Dessa forma, faz-se mister que, anteriormente a qualquer montagem de análise, se faça a resolução de *knockouts* das rodadas estatísticas. A Tabela 3 aponta um exemplo de *knockout* que ocorreu na variável tempo verbal:

Tabela 3 - *Knockout* na variável 'tempo verbal' (apl. preposição *de*)

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Pretérito perfeito	50/50	100	<i>KNOCKOUT</i>
Pretérito imperfeito	209/210	99	-
Presente	114/126	90	-
Futuro do presente	41/47	87	
Futuro do pretérito	44/46	95	

Significância: -
Input: -

Como vimos na Tabela 3, o fator ‘pretérito perfeito’ apresentou, em todas as ocorrências, a preposição *de*, ficando as demais variantes (*para* e *a*) com 0%. Isso caracterizou o *knockout*, o que prova que os falantes da Praça 14 de Janeiro adotam o *de* como norma de uso. A solução que encontramos foi juntar os fatores pretérito perfeito e imperfeito sob uma única classificação, o pretérito. Para mantermos uma simetria nesse grupo de fatores, resolvemos também juntar o futuro do presente ao futuro do pretérito sob a definição de futuro. Desta maneira, esse grupo de fatores passou a contar com 3 fatores: pretérito, presente e futuro.

Alguns outros grupos de fatores apresentaram *knockout* na primeira rodada estatística, os quais estão dispostos na Tabela 4:

Tabela 4 - Outros *knockouts* (apl. preposição de)

Fatores: modo verbal	Aplicação/ Total	%	P.R
Indicativo	458/479	95	-
Imperativo	0/12	0	<i>KNOCKOUT</i>
Subjuntivo	-	-	-
Significância: - Input: -			
Fatores: forma nominal do verbo	Aplicação/ Total	%	P.R
Infinitivo	104/104	100	<i>KNOCKOUT</i>
Gerúndio	52/52	100	<i>KNOCKOUT</i>
Particípio	-	-	-
Significância: - Input: -			
Fatores: tipologia das orações	Aplicação/ Total	%	P.R
[- interrogativas]	608/641	95	-
[+interrogativas]	6/6	100	<i>KNOCKOUT</i>
Significância: - Input: -			
Fatores: ordem dos constituintes	Aplicação/ Total	%	P.R
V + Complemento	613/646	95	-
Complemento + V	1/1	100	<i>KNOCKOUT</i>
Significância: - Input: -			

Conforme mostrado na Tabela 4, outros 4 grupos de fatores apresentaram *knockout* na primeira rodada estatística. Não foi possível realizar nenhuma amálgama nesses grupos de fatores. O ‘modo verbal’ que apresentou altos índices de uso da preposição *de* no indicativo, apresentou *knockout* no imperativo, com todas as ocorrências sendo das preposições *para* e *a*. Já o modo subjuntivo não apresentou ocorrências, de modo que se tornou inviável juntá-lo a

outro dos dois fatores. Mais uma vez, verificamos a preposição *de* como norma de uso na Praça 14 de Janeiro.

Semelhante situação ocorreu com o grupo de fatores ‘forma nominal do verbo’ cujos fatores infinitivo e gerúndio deram *knockout*, e o particípio não ocorreu. Em função disso, resolvemos eliminar esse grupo de fatores da análise já que isso geraria *Singleton Group*, que na linguagem de programação do *GoldvarbX* significa que dentro de um grupo de fatores há apenas 1 fator que apareceu codificado.

Os demais grupos de fatores também foram desconsiderados para a segunda rodada estatística pelos motivos que expusemos nos parágrafos anteriores. Do ponto de vista linguístico, era completamente inviável que juntássemos esses fatores todos. Desta forma, nas próximas subseções consideraremos os resultados da segunda rodada estatística, já desconsiderando os amálgamas e *knockouts*.

3.3 Os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico

Esta seção é destinada à análise das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que foram selecionadas pelo programa estatístico. Também faremos, em uma segunda parte, uma breve análise dos grupos de fatores que não foram selecionados. Julgamos importante abordar as variáveis independentes que não foram selecionados já que nosso objeto de estudo ainda não foi abordado em outras pesquisas, sendo, portanto, uma maneira de entendê-lo de forma mais completa.

A análise do programa estatístico, após resolução dos *knockouts* com amálgamas e exclusões de grupos de fatores, apontou dois grupos de fatores como determinantes para a aplicação da regra, o uso da preposição *de*. Esses grupos de fatores foram selecionados na seguinte ordem: ‘faixa etária’ e ‘tempo verbal’. Sendo assim, com vista para a sistematicidade deste trabalho, descreveremos primeiramente o resultado da variável independente extralinguística ‘faixa etária’ e, após, passamos a descrever o ‘tempo verbal’.

3.3.1 A variável independente extralinguística selecionada

Na primeira posição de seleção do programa estatístico, a variável independente extralinguística ‘faixa etária’ se mostrou determinante para a ocorrência da preposição *de* em relação às preposições *para* e *a*. O resultado de percentual e probabilidade para este grupo de fatores está exposto na Tabela 5:

Tabela 5 - O uso da preposição *de* segundo a faixa etária

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Faixa etária 1	189/218	86	0,15
Faixa etária 2	189/190	99	0,82
Faixa etária 3	236/239	98	0,58
Significância: 0,000			
Input: 0,990			

Conforme pudemos observar, a faixa etária que mais utiliza a preposição *de* como elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* é a faixa etária 2. Nessa faixa etária foram entrevistados 2 homens e 2 mulheres entre 36 e 55 anos, todos estando ativos no mercado de trabalho. De acordo com Labov (2008 [1972]), em pesquisa sobre o falar da ilha de Martha's Vineyard, a faixa etária intermediária conservaria um padrão mais normativo por conta de sua inserção no mercado de trabalho. Todavia, a despeito da ausência da preposição *de* nessa posição sintática em descrições de cunho gramatical ou linguístico, encontramos os falantes da faixa etária 2 fazendo uso bastante acentuado da preposição *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar*. Os exemplos (9), (10), (11) e (12) mostram a ocorrência da preposição *de*, o termo regido do verbo *perguntar*, na fala de informantes da faixa etária 2.

(9) [...] Não. Geralmente a única pessoa que me tirava as dúvidas era a Mari... “Mari não entendi isso aqui, me explica? Aí ela que me tirava as dúvidas...que eu não confiava, entendeu... era muito difícil eu confiar nas pessoas... na verdade na época que eu estava ela que tirava... eu **perguntava dela**, ela me tirava todas as dúvidas. (ME1f2H)

(10) [...] eu fui só na cara e na coragem como ele falou pra mim ir... e aí eu peguei... me lembro que entrei no ônibus... fiquei lá... olha que demorou muito pra chegar na Samsung... muito muito... aí até eu fiquei com muita vergonha **de perguntar do motorista ou do cobrador** onde que eu ia descer... aí eu fiquei:. Meu Deus... quer sabe, **eu vou perguntar dele...** porque já tinha passado muito tempo. (MF2f2M)

(11) [...] eu peguei um ônibus que passava lá... ainda tinha essa ainda, “ah, o ônibus que vai passar em tal lugar”... aí do T1 eu fui pro T2. [Entrevistador] sem perguntá nada? [Informante] sem **perguntá nada de ninguém**. (MG1f2H)

(12) [...] antes d'eu achar qualquer endereço, eu... **eu sempre perguntava dos cobradores** de ônibus, porque eles sabem das rotas... então pra eu achar um lugar, eu ia e **perguntava da...dos cobradores... do cobrador de ônibus ou então do motorista**. Aí eu pedia pra me deixar já onde tivesse próximo.(MH2f2M)

No que se refere à faixa etária 3, exemplos (13) e (14), pudemos observar que eles também fazem uso acentuado da preposição *de*. Na verdade, a diferença percentual e de número de ocorrências foi bastante parecida em relação à faixa etária 2:

(13) [...] *Eu morava no Santo Antônio Igreja... lá era a estação... sempre perguntavam de mim* “esse ônibus saindo daqui vai pra onde?. Ele vai pro centro? (MI1f3H)

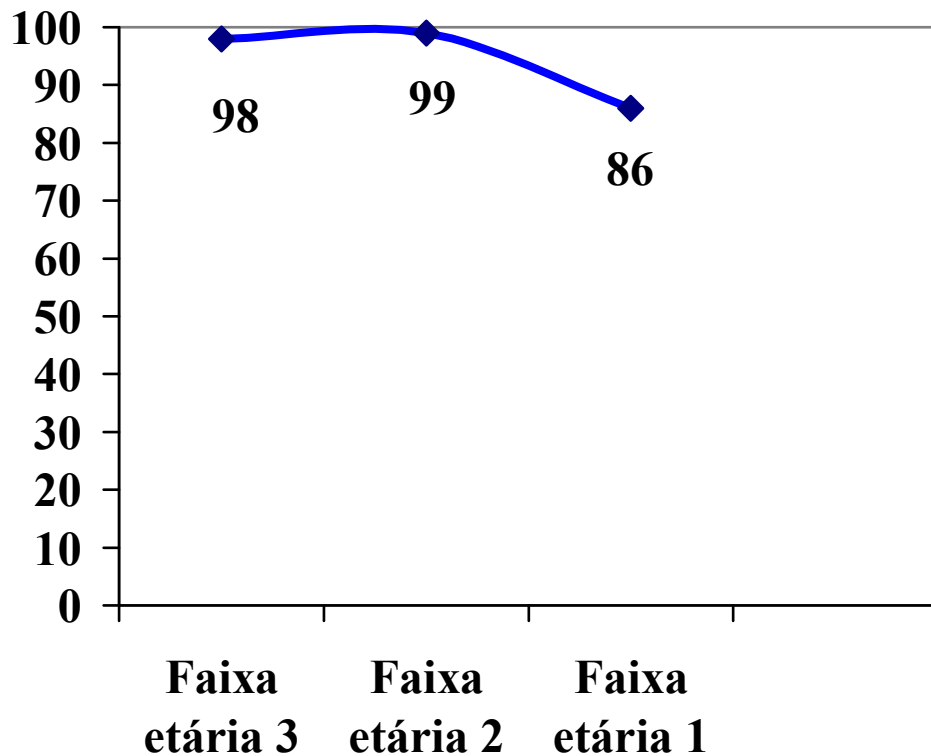
(14) [...] *no posto as pessoas sempre perguntam de mim* assim “a senhora conhece o médico fulano de tal?” Ele é bom mesmo... sempre é assim (MJ2f3M)

Já a faixa etária 1, exemplos (15) e (16), apesar de ter mostrado percentual expressivo de uso da preposição *de*, teve peso relativo inferior às demais. Essa faixa etária oscilou entre o uso das preposições *de*, *para* e *a*:

(15)[..] *eu pergunto pra alguém que trabalhe lá, vou perguntar pro...pro funcionário que nem um dia que eu perguntei duma menina.* (MA1f1H)

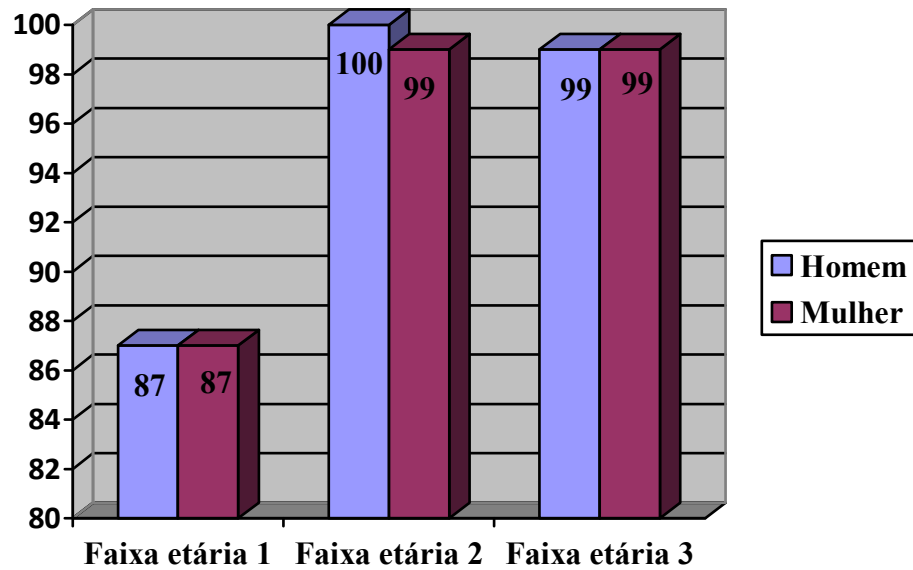
(16) [...] *aí identifiquei algumas placa sinalizando... aí fui meio que: meio que perguntando das pessoas próxima, né, dos... das pessoas locais que tavam lá* (MB1f1M)

As informações dadas na Tabela 5, postas em gráfico, nos permitem visualizar de maneira mais concisa se há uma mudança linguística em curso, ou se existe indício de uma mudança já ter sido implementada. O gráfico 3 mostra a curva percentual do uso da preposição *de* levando-se em consideração a faixa etária:

Gráfico 3 - Percentual de uso da preposição *de* por faixa etária

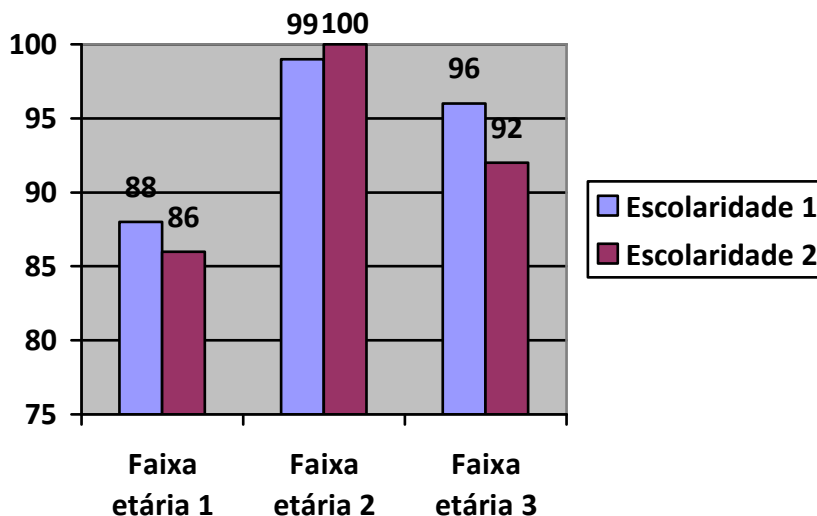
Como pudemos notar, não há evidências suficientemente fortes que nos autorizem a afirmar categoricamente que existe uma mudança linguística em curso com relação à variação no elemento introdutor de OI do verbo *perguntar* na fala manauara, o que implica dizer que a segunda hipótese de nossa pesquisa não se confirmou com a análise dos dados. Entretanto, notemos o seguinte: apesar de tímida, existe uma curva para baixo em relação ao uso da preposição *de*. Como discutido nos parágrafos anteriores, os mais jovens utilizam com mais frequência a preposição *para*. Uma explicação para isso pode ser dada pelo fato de os jovens terem mais facilidade de acesso a falares de outras regiões e, como vimos, não há registro da preposição *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar* em outra parte do Brasil (considerar SILVA, 2010).

Outra possibilidade de abordagem possível para considerarmos o grupo de fatores ‘faixa etária’ seria o cruzamento deste com o grupo de fatores sexo. O objetivo é verificar, em cada faixa etária, se homens ou mulheres utilizam mais a preposição *de* (elegida como aplicação da regra nas rodadas estatísticas finais). O Gráfico 4 mostra a correlação entre os grupos de fatores ‘faixa etária’ e ‘sexo’:

Gráfico 4 - Correlação entre 'faixa etária' e 'sexo' (preposição *de*)

No Gráfico 4, pudemos perceber que na faixa etária 1, o uso da preposição *de* é igual para homens e mulheres (87% para ambos). Com relação à faixa etária 2, os homens usam um pouco mais o *de* (100%), enquanto as mulheres utilizam um pouco menos (97%). A faixa etária 3 também apresenta igualdade de uso do *de* (99% para ambos os sexos). Conforme pontua Coelho *et al.* (2015, p. 44), as mulheres são mais conservadoras em relação ao uso da língua, preferindo usar variantes de maior prestígio social. Os dados desta pesquisa mostraram que, apesar de os homens, principalmente da faixa etária intermediária, usarem mais o *de*, essa preposição não é uma forma estigmatizada, estando em uso quase uniforme.

Para observarmos melhores resultados do ponto de vista da carga social da variante *de* em comparação com *para* e *a*, correlacionamos o grupo de fatores 'faixa etária' também com 'escolaridade'. O objetivo foi verificar se a escolarização teria alguma influência (os números percentuais dos grupos de fatores não selecionados serão disponibilizados mais adiante). O Gráfico 5 mostra a correlação entre 'faixa etária' e 'sexo':

Gráfico 5 – Correlação entre 'faixa etária' e 'escolaridade' (preposição *de*)

Os dados do Gráfico 5 apontam que os informantes de escolaridade menor utilizam mais a preposição *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar*. Na faixa etária 1, a escolaridade 1 (4-8 anos) teve percentual de ocorrência em 88%, enquanto a escolaridade 2 (9 a 11 anos) ficou com 86%. Com relação à faixa etária 2, a escolaridade 2 apresentou percentual de ocorrência em 100%, enquanto a escolaridade 1 obteve 99%. Na faixa etária 3, os informantes de escolaridade 1 tiveram percentual um pouco menor de ocorrência, apresentando 96%, enquanto os de escolaridade 2 apresentaram índices de 92%.

Toda a discussão a respeito do grupo de fatores faixa etária nos permite fazer algumas generalizações. Primeiro, independentemente da faixa etária, o uso da preposição *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar* é muito mais acentuado que o uso das demais preposições. Segundo, não há indícios de que o uso da preposição *de* seja fruto de uma mudança linguística recente. Verificamos um uso generalizado dessa preposição em todas as idades e, apesar de haver possíveis interferências externas, por exemplo, a presença de um aparelho gravador de áudio, os informantes não se inibiram de realizar a preposição *de*. Ainda, tanto homens quanto mulheres fazem uso da preposição *de*, enquanto introdutora de OI, de maneira muito semelhante, de modo que podemos entender que, de início, não há nenhuma evidência de estigma com essa variante (e nem com as demais). Por fim, o fator escolaridade, em correlação com a faixa etária, não apontou grandes diferenças no uso da preposição *de* ou de *para* e *a*.

3.3.2 A variável independente linguística

A rodada estatística do programa *GoldvarbX* selecionou o grupo de fatores ‘tempo’ verbal na segunda posição. Essa variável independente também foi a única de natureza linguística a ser selecionada. Na seção anterior já foram explicados os amálgamas feitos nesse grupo de fatores. A Tabela 6 mostra os resultados para esse grupo de fatores:

Tabela 6 - O uso da preposição *de* com base na variável 'tempo verbal'

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Pretérito	259/260	99	0,78
Presente	114/126	90	0,15
Futuro	85/93	91	0,21
Significância: 0,000			
Input: 0,990			

Conforme dados constantes na Tabela 6, o ‘pretérito’ foi o tempo verbal que mais favoreceu o uso da preposição *de* como introdutora de OI do verbo *perguntar*. É importante, ainda lembrar que isso aconteceu de maneira geral para todas as subdivisões que foram amalgamadas sob este fator. Os exemplos (17) e (18) mostram o verbo *perguntar*, respectivamente, no pretérito perfeito e imperfeito, regendo a preposição *de*.

(17) [...] *bem... da última vez que eu tava com uma dúvida eu perguntei do professor de portugueses que ele tava dando macete.* (MI1f3H)

(18) *Naquela época... no que eu comecei lá, todos os outros funcionários perguntavam de mim... todo mundo perguntava de mim as coisas.*

Na segunda posição de seleção ficou o tempo futuro. É importante destacarmos que esse tempo verbal foi o que menos teve dados registrados durante a coleta. Neste tempo, também foram feitos alguns amálgamas. Consideramos futuro tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito, exemplos (19) e (20). Também classificamos indistintamente as formas sintéticas e perífrases:

(19) [...] *não... eu vou seguindo em frente... às vezes... quando eu não acho mesmo... às vezes eu vou perguntar de alguém. Às vezes a pessoa fala só “vai reto”.* (MG1f2H)

(20) [...] *eu ia pedir referência mas primeiro eu perguntaria da mamãe.* (MA1f1H)

Por último, o tempo verbal ‘presente’ foi o que teve menor peso relativo, apesar de ter aparecido por inúmeras vezes. Esse fator, segundo a análise estatística, é o que menos favorece a ocorrência da preposição *de*. No entanto, isso não significa dizer que esta preposição não ocorre em poucas proposições, conforme demonstram os exemplos (21) e (22):

(21) [...] *e lá eu pergunto dos cobradores... e vou pegando o ônibus... é assim que faço.* (MH2f2M)

(22) [...] *seu eu tô dentro do ônibus, eu pergunto da cobradora e pergunto do motorista também... eu pergunto mais da cobradora.* (MJ2f3M)

A seguir, apresentamos os números referentes às variáveis que não foram selecionadas pelo programa estatístico.

3.3.3 Os grupos de fatores não selecionados na rodada estatística

Os números apresentados a seguir são os resultados da rodada estatística de outros grupos de fatores que não foram selecionados como determinantes para a aplicação da regra (ocorrência da preposição *de*). Consideramos apenas os grupos de fatores rodados após os *knockouts* e *amálgamas*. Dispomos os resultados a seguir a partir de percentual de uso das preposições *de*, *para* e *a*.

3.3.3.1 Sexo

A variável independente ‘sexo’ não foi selecionada pelo programa estatístico. Todavia, pudemos observar alguns de seus resultados quando correlacionamos esse grupo de fatores com a ‘faixa etária’. A Tabela 7 apresenta os resultados percentuais dessa variável.

Tabela 7 - Uso das preposições *de*, *para* e *a* segundo o grupo de fatores ‘sexo’

	DE	PARA	A
HOMEM	92%	6%	3%
MULHER	96%	1%	3%

Notamos que as mulheres fazem uso um pouco mais acentuado da preposição *de*. No que se refere à preposição *para*, é mais usada pelos homens do que pelas mulheres. A preposição *a* tem percentual igual para ambos

3.3.3.2 Escolaridade

O grupo de fatores ‘escolaridade’ também não foi selecionado como um fator determinante para o uso da preposição *de*. Sendo assim, também vamos expor os percentuais de uso de cada preposição. O resultado é o que segue:

Tabela 8 - Uso das preposições *de*, *para* e *a* segundo a 'escolaridade'

	DE	PARA	A
4-8 anos de escolarização	96%	1%	3%
9-11 anos de escolarização	91%	1%	9%

Constatamos que os falantes menos escolarizados realizam mais a preposição *de* que os falantes mais escolarizados. A preposição *para* tem uso igual para ambos e a preposição *a* é mais usada por falantes que possuem maior escolarização.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, expusemos e analisamos os dados que foram coletados e submetidos a rodadas estatísticas no programa *GoldvarbX*. No primeiro momento, fizemos uma análise de resultados gerais, levando em conta as três preposições variantes que encontramos. Na segunda parte, passamos a descrever os resultados tomando a preposição *de* como aplicação da regra, uma vez que ela apresentou altos índices de uso em relação às demais. O resultado da análise apontou, na segunda parte, que os grupos de fatores 'faixa etária' e 'tempo verbal' são os que condicionam o uso da preposição *de*. Por último, mostramos os percentuais de uso de cada preposição nos outros grupos de fatores que não foram selecionados na rodada estatística como determinantes para ocorrência da preposição *de*. Concluímos que, apesar de não terem sido selecionados, esses grupos de fatores apresentaram altos índices de uso da preposição *de*, e baixos índices de uso das preposições *para* e *a*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a variação no elemento introdutor do termo regido pelo verbo *perguntar* enquanto VTI a partir da análise de dados de fala de moradores do bairro Praça 14 de Janeiro, um dos mais antigos da cidade de Manaus.

O objetivo geral proposto na introdução deste trabalho foi *analisar a regência do verbo perguntar como VTI na fala manauara*. Como objetivos específicos, delimitamos que queríamos identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ocorrência de variação no termo regido do verbo *perguntar* enquanto VTI na fala manauara; verificar, a partir dos dados da pesquisa, se há uma mudança linguística em curso no que diz respeito ao fenômeno em estudo.

Algumas questões de pesquisa também foram levantadas em momento anterior à análise dos dados: quais seriam as variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas que condicionam a variação no elemento introdutor do termo regido pelo verbo *perguntar* enquanto OI na fala manauara?; Os processos de variação nas preposições introdutoras de OI do verbo *perguntar* indicam uma mudança linguística em curso?

A partir de tais questões, formulamos algumas hipóteses de pesquisa: a preposição *de* é a mais usada pelos manauaras como introdutora de OI do verbo *perguntar*; as preposições encontram-se em processo de variação estável, não havendo indícios contundentes de mudança linguística em curso.

Considerando os fatores linguísticos (tempo verbal, modo verbal, tipo de frase, forma nominal do verbo, ordem dos constituintes) e extralinguísticos (sexo, escolaridade, faixa etária), submetemos os dados ao programa estatístico *GoldvarbX*. Os dados apontaram para o seguinte cenário: a preposição *de* é a mais usada, confirmando nossa hipótese, apresentando percentuais elevados. As preposições *para* e *a* também ocorreram, porém em menor número. Quando tomamos a preposição *de* como aplicação da regra em uma rodada estatística, tivemos a seleção de faixa etária e tempo verbal como fatores condicionantes. No que se refere à faixa etária, pudemos notar que todas elas fazem uso expressivo da preposição *de*. Sobre a questão de haver ou não uma mudança linguística ocorrendo com relação à regência do verbo *perguntar* enquanto VTI, não encontramos indícios acentuados de mudança linguística, o que implica a refutação de nossa segunda hipótese. Constatamos que a faixa etária que menos usa a preposição *de* é a faixa etária 1, os mais jovens. Quanto ao tempo verbal, verificamos que o fator que mais favorece a ocorrência da preposição *de* é o pretérito.

A partir da análise dos dados, constatamos que o verbo *perguntar*, enquanto VTI, rege três preposições, *de*, *para* e *a*, e que a preposição *de* é a mais produtiva na fala dos habitantes do bairro Praça 14 de Janeiro, cumprindo, assim, o objetivo geral do trabalho.

No que se refere aos grupos de fatores que estariam influenciando uma variação na introdução do termo regido do verbo *perguntar*, a análise estatística apontou dois fatores como condicionadores da ocorrência da preposição *de*, assumida por nós como aplicação da regra. O primeiro desses fatores, de natureza extralinguística, foi a *faixa etária* e o segundo, de natureza linguística, foi o *tempo verbal*. Identificados os fatores que influenciam a ocorrência das variantes preposicionais, sobretudo da preposição *de*, podemos afirmar que o segundo objetivo da pesquisa foi alcançado.

Quanto à possibilidade de estar ocorrendo uma mudança linguística, proposta elencada no segundo objetivo específico, o trabalho mostrou que não há indícios fortes de mudança linguística a partir da comparação dos resultados entre as três faixas etárias.

Portanto, apesar de não haver registro em outras regiões do Brasil, o uso da preposição *de* como introdutora do termo regido pelo verbo *perguntar*, em oposição à *para* e *a* é elevado em Manaus. Em vista disso, faz-se necessário que outras pesquisas sejam realizadas para verificar se essa característica também se encontra presente em outros bairros de Manaus e em outras regiões do Amazonas e de outras áreas geográficas do Brasil que, como sabemos, apresentam grandes dimensões e grande diversidade linguística.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BARROS, Isis. 2008. **A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA)**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIME
- BARROS, Isis Juliana Figueiredo de; RIBEIRO, Ilza. **Variação das preposições introdutoras de DP dativo no dialeto de Helvécia-BA**. *Papia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 209-219, jan. 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico da migração e redes sociais** / São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. Tradução de Marcos Marcionilo.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa** - Novo Acordo Ortográfico - 48ª Ed. Companhia editora nacional, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Current issues in linguistic theory**. The Hague: Mouton, 1964.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- COELHO, Izete Lehmkuh et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ECKERT, Penélope. Style and Social Meaning. In: ECKERT, Penélope; RICKFORD, John. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2005.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. **Censo 2010**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 jul. 2018.

KENNEDY, Eduardo. *Gerativismo*. In: MARTELOTA, Mario Eduardo *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 127-140.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972]. Tradução de: Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.

LABOV, William. The Anatomy of Style Shifting. In: ECKERT, Penélope; RICKFORD, John. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

LOUREIRO, Antonio. **O Amazonas na época imperial**. Manaus: T. Loureiro Ltda., 1989.

LUDLOW, Peter. **Referential semantics for I-languages?**. In: Chomsky and his critics. Org. Hornstein e Antony. Cambridge: Blackwell, 2003.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Conceitos de gramática. In: Martelotta, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

MOREIRA, Júlio César Lima. Sociolinguística Variacionista e *Estruturalismo* linguístico. **Somma**, Teresina/PI, v. 1, n. 1, p.182-200, dez. 2015.

MOLLICA, Maria Cecília et al. **Introdução à Sociolinguística: tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, Anthony. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília et al. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

PERINI, Mário. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de história do Amazonas**. Manaus: Valer, 2000.

RAVIZZA, João. **Gramática latina**. 9.ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SANKOFF, David, Sali A. TAGLIAMONTE, and Eric SMITH. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto 2005.

SANTOS, Francisco Jorge. **História geral da Amazônia**. Rio de Janeiro: EMVAVMEM, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Nahete de Alcantara. **A Preposição para e suas variantes no falar araguatinsense**. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense** – do colonialismo ao neocolonialismo. 3ª ed.. Manaus: Editora Valer, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1982.

VIARO, Mário Eduardo. **Das preposições latinas às do português e do romeno: derivações semânticas**. 1994. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Clássicas e Vernáculas, Ffclh, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução de: Marcos Bagno.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o(a) Sr(a). para participar da Pesquisa “**AS PREPOSIÇÕES ‘DE’, ‘PARA’ E ‘A’ COMO INTRODUTORAS DO OBJETO INDIRETO DO VERBO *PERGUNTAR* NA FALA MANAUARA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Aline de Souza Boadana Farias, portadora do RG 19XXXX1-7 e do CPF 906.XXX.XXX-10, telefone celular (92) 99603XXXX, e-mail aline.s.bohadana@gmail.com, orientada pelo Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo cujos endereços institucionais localizam-se no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), localizado no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da UFAM, na Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, CEP 69077-000, telefone 3305-1181, ramal 2113.

O objetivo geral deste trabalho será investigar a variação das preposições introdutoras de Objeto Indireto (OI) no falar manauara bem como a regência do verbo *perguntar* à luz da Sociolinguística Variacionista. Para tal, traçamos alguns objetivos específicos: identificar quais são as preposições variantes introdutoras de OI do verbo *perguntar* no falar dos habitantes de Manaus; identificar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ocorrência desse fenômeno de variação a partir de dados da fala; descrever como se dá o processo de variação linguística das preposições introdutoras de OI no dialeto manauara.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem se configurar em constrangimento e aborrecimento ao responder à entrevista, além do risco de quebra de sigilo. Entretanto, caso necessário, será oferecido acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, sem ônus para o(a) Sr(a)., além do direito a indenizações e cobertura material por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa.

Se você aceitar participar, não terá nenhum benefício direto. Contudo, por meio deste estudo espera-se colaborar para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos no Amazonas em suas faces teóricas e práticas.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a). desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O(a) Sr(a). não terá nenhuma despesa também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

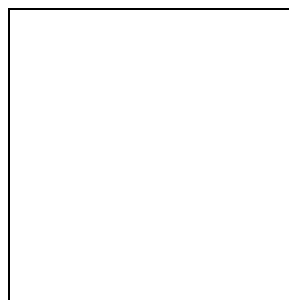
Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a). poderá entrar em contato com a pesquisadora Aline de Souza Boadana Farias e com a Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 4950, Adrianópolis, CEP 69057-070, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171-2496 e e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora pretende fazer e por que precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do informante

Data: ____ / ____ / ____



Impressão dactiloscópica

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE 2 – EXEMPLOS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

MC1f1H

E: você já teve alguma dificuldade dia encontrar uma loja de algum shopping de Manaus? me conte a sua história.

I: sim éh:: eu estava indo com meus pais no shopping... no manauara shopping e:: eu... nós estávamos procurando a loja da centauro, mas o shopping... ele é muito grande e nós não temos o costume de IR nele e também por causa da distância que ele fica tá na sua casa então... nós andamos muito pelo shopping éh::... rodamos fomos de ponta a ponta e nós não encontramos a loja então eu tive a ideia de:: IR em um dos pontos do manauara espalhados pelo shopping... tem:: um local onde ele mostra todas as lojas que existem no shopping e a localização delas e eu VI a localização nós fomos mas acabamos não encontrando então nós perguntamos *dos* seguranças que ficam no shopping e eles nos informou e nós encontramos a loja.

E: no dia a dia na sala de aula quando tu tem algum questionamento alguma dúvida... éh... a quem você recorre? me conta uma história que aconteceu?

I: bem quando eu tenho uma dúvida... éh::... eu pergunto *aos* meus colegas porque geralmente eles sempre... podem me dar ideias novas... de como eu posso resolver tem alguns colegas que eles são bons em outras coisas e eu acabo perguntando *deles* e eles me respondem e eu acabo conseguindo responder as questões mas às vezes eu pergunto *do*:: *do* professor mesmo né eu num::... antigamente eu tinha muita vergonha de falar mas hoje eu já não tenho mais e... eu pergunto *do* professor quando a dúvida assim angustiante e eu tenho preguiça de *perguntar dos* meus colegas e eu vou direto ao professor.

E: tu lembra de alguma história recente? sobre o que era a tua dúvida?

I: ah eu não sei... ((risos)) eu não lembro ((risos)) hum:: deixa eu ver se eu consigo lembrar:: bem da última vez que eu tava com uma dúvida eu perguntei *do* professor de português que ele tava dando macetes sobre como a gente:: éh::... quando nós estudamos os as formas de conjugação do verbo... ele tava dando uns macetes que a gente pode usar para cada tipo de conjugação do pretérito... então eu perguntei *dele* um tipo de conjugação que eu não me recordo... e ele me respondeu na frente todos na sala... que a sala é bem grande tem mais de 200 pessoas e eu perguntei e não tive a vergonha de *perguntar*.

E: sobre a cidade de manaus você acha que a cidade ela tem muita sinalização como é que tu faz pra saber é achar algum lugar por exemplo se tu não tiver internet né pra usar o que você faria

I: bem dependendo do local eu sempre procuro me localizar pelas avenidas principais da cidade e pontos de referência que podem levar ah esse local mas caso seja 1 local em que eu nunca visitei antes eu procuro ponto de referência mais próximo e de lá eu vou perguntando de moradores da região o que sempre eles sabem é identificar o local principalmente os moto táxis que eles ficam muito naquele bairro e também as pessoas que ficam na frente de casa ficam é conversando e essas pessoas geralmente sempre conhecem

E: tu já teve alguma dificuldade em andar de ônibus assim é tu já teve que pedir alguma informação no ônibus outro lugar que tu ia de ônibus

I: bem do ônibus a dificuldade que eu tive foi quando eu fui andar pela primeira vez um ano atrás que eu não sabia rodar a catraca eu não sabia passar a carteirinha e sempre eu pergunto

do cobrador às vezes quando o ônibus tá demorando muito eu pergunto de alguém que também está esperando se ela tá esperando o mesmo ônibus e se ela já viu ele passar ou se ela tem pelo menos 1 lembrança de qual horário que ele passa com 1 certa frequência

E: supondo que 1 dia você não tivesse recursos de internet ou telefone para encontrar 1 lugar o que você faria para encontrar esse lugar

I: bem tipo eu pegaria aqui no meu bairro o ônibus queria diretamente pro centro chegando lá eu *perguntaria* de pessoas que trabalham nas lojas porque geralmente essas pessoas elas elas conhecem bem o centro da cidade ela saberia me dizer então eu tentaria me guiar perguntando né de pedi várias pessoas até o chegar no local de destino.

MB1f1M

como moradora de Manaus você já teve dificuldade de encontrar algum lugar... conte uma história o que aconteceu com você como você conseguiu chegar nesse lugar?

acho que:: foi:: sobre uma loja eu acho... (...) como consegui achá... tava lá no centro... estava no centro de manaus e::... basicamente no centro num tem placa... num tem muita placa de sinalizando onde que fica tal coisa e tudo mais... alguns pontos alguns:: algum ponto assim:: de referência que tem né na praça do relógio num tem:: num tem uma::... num:: num tem placa... na verdade num tem muita sinalização:: de::... onde tá os centros histórico e tudo mais... tá... aí eu queria achá o:: uma loja na frente da:: da praça relógio... aí foi por meio de:: de perguntando... aí identifiquei algumas placas sinalizando... aí fui meio que:: meio que perguntando **das** pessoas próximas né **dos**:: **das** pessoas locais que tavam lá:: foi mais por::... num foi por localização:: éh:: sinalização foi mais por:: foi sinalização verbal... foi informação verbal que eu consegui achar praça

quem foi que te ajudou?

foi pessoas... o:: (inaudível) tem gente em frente da loja falou (inaudível) a gente pediu informação a gente conseguiu chegar na loja era justamente na frente da praça né
você já teve alguma dificuldade de encontrar alguma loja em 1 shopping de manaus ?
loja::... 1 shopping de Manaus::... acho que:: acho que não... é muito difícil... acho que é muito::... na verdade é muito::... a gente pergunta muito **dos** seguranças quem fica mais lá fora é o segurança do que::... éh::... alguma coisa indicando onde a gente chega mas eu pergunto mais do segurança

tu lembra alguma história quando isso aconteceu?

mais ou menos... eu tava... eu tava no shopping eu fui no shopping e:: eu não sabia onde ficava... como é o nome... eu esqueci o nome da loja... (inaudível) artfita eu não sabia onde ficava arte fitas aí::

o que tu fez?

aí... em vez de *perguntar de* alguém eu perguntei logo **dos** seguranças... eles sabem mais... eles tem mais informação do que:: ir no guichê onde fica assim:: a informação... chato e tudo mais... é mais longe e o segurança é mais perto dão mais informação... dão informação certa pelo menos

tu já perguntou algo algo endereço ou alguém já te perguntou algo endereço aqui em manaus como foi a abordagem

quando eu tava no até teve até teve é no shopping né que eu trabalho é tô trabalhando no shopping então já *perguntaram* onde é que fica por exemplo o restaurante que é é mais conhecido por gente o que vem de fora o que é o chapéu de palha né aquele que fica ali nada (inaudível) chapéu de palha é 1 restaurante aqui em manaus chico por exemplo aí vem umas pessoas lado rio grande do sul indicam 1 restaurante que é aqui perto de casa e não tem no google por exemplo não tem muita informação e mandam para outros lugares aí *perguntaram* sobre algum restaurante que não é conhecido aqui pela gente né não é valorizado na verdade aí foi e perguntou onde era e tudo mais e era dentro de 1 bairro qualquer 1 bairro que não é muito bem visitado não é assim não é visitado e tudo mais mas é dentro de 1 bairro tipo escondido e muito pouca informação sobre o restaurante

MD1f1M

Já teve alguma situação assim:: morando aqui na cidade que tu teve dificuldade pra chegar em algum lugar:: assim que não sabia ir pra aquele lugar e teve que... éh:: ir atrás de informações... alguma coisa?

já:: com certeza

lembra de uma vez aí?

eu já me perdi já de ônibus

me conta a história...

de eu pegar um ônibus de um lado tipo:: tipo aqui exemplo:: aqui no manauara tem dois lados né... tem um pra ir e tem pro outro sentido e eu peguei um lado diferente e fui parar num bairro desconhecido...

e o que tu fez pra voltar

eu fiquei num bairro desconhecido de noite até tava sozinha... tive que *perguntar* quem:: ainda bem que eu tinha dinheiro né mas eu tinha que *perguntar* qual bai... qual ônibus eu pegava pra ir pro terminal e pegar o meu ônibus

tinha alguém que tivesse disponível para responder essa tua pergunta?

tinha o:: motorista tinha::... tinha o cobrador

mas o que que tu fez quando tu... teve que ir lá com eles me conta a:: como tu fez... qual a tua reação quando tu foi lá?

primeiro eu me espantei no sentido do:: do::... por onde a gente tava indo... porque:: eu achava que a gente ia prum terminal... só que acabou indo pro:: pra estação... então eu tinha:: eu fiquei lá no ônibus que eu fiquei né achando que ia chegar no terminal mas não chegou nesse terminal se eu não me engano era até o terminal 2 ou era o 1 e foi para OUTRO lugá... aí eu tive que esperar outro ônibus sair pra mim poder pegar (...)

sabia qual o outro ônibus saía de lá

me informaram...

tinha alguém específico...

tinha tinha:: os:: os:: as pessoas... como eu tava na estação né então tinha motorista... tinha:: tinha:: cobradores aí me informaram
tu foi falar com quem?

Fui primeiro com o cobrador
e aí tu::

éh:: de lá fui conversando:: expliquei né a situação:: expliquei o que foi que aconteceu aí eu conversei lá com:: com:: o motorista

O que tu recomenda assim quando numa situação assim a pessoa se perde

quando já tá perdido?

e tem alguém próximo...

cara procurar falar com pessoas que sabe tipo um motorista um cobrador porque tu vai... às vezes tu vai falar pruma pessoa desconhecida... tipo um passageiro... e às vezes ele passa informação errada mas um cobrador um motorista que tá lá todo santo dia faz aquela rota claro que ele vai sabê... dá a informação pra ti... mas muita gente... até eu já dei:: já dei:: assim... informação que depois eu me enganei... e essa pessoa com certeza (...)

tem alguma situação que tu deu uma informação assim... como foi... conta aí

já:: de um ônibus... tipo de eu falá:: me enganá né... pegá um ônibus... a pessoa perguntá “ah qual ônibus que daqui passa lá na frente do hospital tal?” e eu “ah 300 e:: tantas... só que não era... tipo era outro número... só que a pessoa pegou o número errado... depois que eu fui me tocá... num tinha como falá que:: num era aquele... mas se ela tivesse PARADO antes de entrar no ônibus e perguntá *do* motorista “olha esse ônibus vai lá pro:: pro:: pro lugar tal?” aí ele ia falar “não ou sim”

tu acha que o correto seria perguntá ao entrar no ônibus logo?

eu acho que sim tipo mesmo tê já uma pessoa tê falado né mas antes de entrar já *perguntar do* motorista já tá indo pra tal lugá:: passa na frente de tal lugá:: aí o motorista com certeza vai falá né se passa ou se num passa... agora tu vai entrá num ônibus que tu nunca:: entrou na tua vida:: éh:: uma pessoa que tu nunca viu na vida também vai te dá uma informação tu também vai confiá naquela pessoa... melhó falá com o motorista

tu acha melhor o motorista ou o cobrador?

acho que os dois... qualquer um... porque como eles fazem a rota:: a mesma:: a mesma rota...

se acontecer uma situação assim... que vamos supor tu se perde e tem só uma pessoa ali perto de ti tu vai fazer o quê?

aí eu vou ter que falar com aquela pessoa né se só tem aquela... agora se ela não souber me informar aí fica complicado né... aí teria que pedir ajuda tipo ligar pra alguém... ou ir a um:: algum lugar:: muitas das vezes tem gente que se perde num tem dinheiro pra voltar pra casa e fica pedindo dinheiro na rua né pedindo ajuda pedindo:: ajuda pra pagar passagem

e em shopping já teve alguma situação que tu ficou procurando uma loja assim?

já

não sabia:: aí o que tu fez?

tipo um shopping desconhecido assim que eu nunca fui... aí a gente vai primeiro no segurança né tipo aqui no manauara o manauara é um shopping grande

vai fazer o que com o segurança?

perguntar do segurança aqui em que loja éh:: seria

teve alguma situação que aconteceu contigo

éh:: de eu entrar no shopping e não saber aonde exatamente fica aquela loja e eu precisar *perguntar do* segurança mas o shopping eles tem tipo:: uma televisão assim... tipo em vários cantos do shopping que dá pra ti pesquisar onde fica... qual andar fica... hoje né porque antes num tinha no começo do shopping num tinha

tu se lembra de uma situação que tu passou um perrengue assim no shopping

de não achar o lugar?

sim de não achar o lugar o que tu fez?

Já teve situação de num achar:: tipo onde o carro está estacionado... como o estacionamento é muito grande tem vários andares né aí pra achar estacionamento ((risos)) não lembrar onde deixei o carro já teve já... e aí a gente vai *perguntar de* segurança pergunta *de:: de::* não sei ((risos)) tem que ficar correndo lá atrás onde:: tentar lembrar onde tu deixou o carro

e alguém já fez uma pergunta pra ti assim... éh:: sobre algum lugar que não sabia...

tipo onde fica tal lugar::

tu lembra de uma história específica?

Já... lembro assim mas é coisa:: coisa simples... tipo uma pessoa... “moça éh:: aonde que fica... a senhora sabe onde fica a Riachuelo?” exemplo... “ah:: fica:: vai prali que fica logo ali na esquina” “ah tudo bem obrigada” e tem situação de a pessoa *perguntar* e não souber... aí eu já falo “pergunte *ao* segurança, *a* alguém que trabalhe aqui que com certeza ela vai saber falar pra senhora” aí se eu num sei num vou inventar

e no trabalho quando tu não sabe fazer alguma coisa por exemplo o chefe manda tu fazer alguma coisa tá com alguma dúvida o que tu faz?

Se ele manda eu fazer alguma coisa se eu vejo ali que é uma coisa simples que dá pra resolver se eu tentar me concentrar ali eu vou tentar fazer sozinha até eu consegui agora se eu ver que é uma coisa muito importante tipo assim:: éh:: de mandar um documento ou de:: num sei fazer de uma coisa que eu não posso errar aí eu vou *perguntar dele* pra mim num prejudicar tanto ele quanto eu

se tiver outra pessoa que saiba fazer isso tu vai no chefe ou tu vai no::?

o patrão é mais ocupado né tipo um exemplo tu á aqui do meu lado se eu:: éh:: um exemplo da prestação de conta né se:: tu sabe (o patrão sabe com certeza né) mas se tu sabe eu tô com uma dificuldade é claro que eu vou *perguntar de* ti tu também não é TÃO ocupado assim mas:: mas eu evitaria de tá perguntando as coisas *dele*... mas não é bom né ficar né tipo muito tempo calado até porque vai mostrar que tu não tem interesse quando tu pergunta tu tem interesse de:: de aprender

a gente sabe que supermercado as vezes ele não traz os preços das coisas éh:: que o que que tu faria se o supermercado não trouxesse ou o que tu já fez em alguma outra situação em que o supermercado não trouxe o preço daquela coisa que tu quis comprar quando não apresenta lá ou não em aquela máquina de registro de preço

é chato isso

quem tu vai procurar

algum funcionário que esteja tipo:: arrumando alguma prateleira ou tirando... ou até indo lá no caixa que as vezes no caixa ela passa lá o produto pra saber...
mas tu vai éh:: no caixa só quando for pra passar o produto ou tu::

se eu quero muito aquele produto se eu preciso muito daquele produto eu vou levar no caixa né na hora de pagar

mas se tu não precisa e só quer saber informação tu faz o quê?

cara se eu num:: se eu num precisar muito daquele daquele produto eu vou deixar de lado mesmo tendo alguém pra *perguntar*

eu até posso *perguntar de* um funcionário, mas se o funcionário também não pode não vai saber responder né se é uma loja muito GRANDE tipo um supermercado grande um DB um Atack tem funcionário que não vai saber o preço de cada coisa

ME1f2H

Vamos voltar lá pra quando tu estudava... quando tu tinha alguma dúvida o que tu fazia? tu se lembra?

cara... na época que eu estudava meu Deus... na época que eu estudava eu me tremia todinho pra *perguntar* e num conseguia falar... tirar dúvidas... “DÚVIDAS” ficava calado... eu num conseguia *perguntar*...

nem de professor nem de colegas...

Não::... geralmente a única pessoa que me tirava dúvidas era a Marizete... “Mari não entendi isso aqui me explica” aí ela que me tirava as dúvidas... que eu não confiava entendeu... era muito difícil eu confiar nas pessoas... na verdade na época que eu estudava ela que tirava... eu que perguntava *dela* ela me tirava todas as dúvidas aí eu conseguia estudar melhor, mas assim chegar e de cara assim:: é porque eu me preocupava com ao redor dentro da sala de aula me preocupava muito “poxa eu fiquei com dúvida mas se eu *perguntar* eu vou passar por

palhaço” aí o pessoal vão rir de mim aí eu me preocupava com isso e me fechava num perguntava tá entendendo?

(...)

o que vocês estavam fazendo na mata? era treinamento?

na verdade a gente:: tava colhendo palha pra ajeitar os:: os:: alojamento né que ficavam dentro da mata... que a gente chama de tapiri ou chapéu de palha... nós estávamos lá arrancando palha dentro do mato e aí acabou se perdendo lá... aí o pequeno detalhe que era só a gente descer pra esquerda e a gente tava indo pra direita se a gente num tivesse parado ali tivesse continuado provavelmente... taria perdido até hoje...

não tinha ninguém pra *perguntar* ali perto?

não tem não tem... dentro do mato num tem só se *perguntar* da cobra do jacaré do macaco ali era instinto de sobrevivência mesmo então o que foi ensinado a gente usou pra gente não passar um problema maior aí no outro dia todo mundo saiu de novo pra cumprir a missão tirar palha de novo só que aí todo mundo tinha que ficar agrupado... porque na verdade que levou a gente pra dentro do mato foi um indígena... o indígena sabia o caminho... e a gente nunca esteve naquele lugar e foi por causa disso que a gente se perdeu...quando já tem um lugar que a gente já sabe a gente não se perde assim dentro do mato... aí tudo é aprendizagem...

quanto aos teus filhos tu acha que eles sabem sair sozinhos por Manaus::? Eles vão ter que ir pra endereço tal na zona leste...

eles acham... eles pesquisam... eles olham primeiro o mapa... as vezes eles perguntam *de* mim “pai onde que fica determinado ponto que eu tenho que fazer uma prova” digo assim “fica em tal lugar” aí “tá mas eu vou ver primeiro se é lá mesmo”

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- a) Já teve alguma dificuldade para encontrar certa localidade na cidade?
- b) Você utiliza linhas de ônibus? Como faz para se localizar?
- c) Já se perdeu alguma vez e teve de buscar informações com outras pessoas?
- d) Qual sua maior dificuldade quando está assistindo a aulas ou reuniões?
- e) Como você procede em caso de dúvidas?
- f) No seu trabalho, o que você faz quando não consegue realizar determinada tarefa?
- g) Como você fez para conseguir seu primeiro emprego?
- h) Você lembra alguma situação do seu passado em que teve que pedir informação?
- i) Se você se perdesse amanhã, como agiria (iria agir)?
- j) No shopping, como você faz para identificar as lojas?
- k) No caso de ausência de tecnologia, como você faria para encontrar um determinado lugar?
- l) Qual pessoa você julga que seja mais adequada para lhe passar uma informação?
- m) O que você faria se estivesse perdido e encontrasse essa pessoa?
- n) No supermercado, em caso de dúvida sobre alguma mercadoria ou preço, o que você faz?
- o) Você está aberto (a) a dar informações?
- p) Já passou por alguma situação em que teve que dar alguma informação?

APÊNDICE 4 – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE (ADAPTADO DE MARTINS, 2013)

Código _____

Gênero _____ Faixa etária _____ Idade _____

Cidade de nascimento _____

Estado Civil _____

Escolaridade _____

Profissão _____

Afastou-se da cidade? () sim () não

Tempo de afastamento _____

Naturalidade (mãe) _____

Naturalidade (pai) _____

Naturalidade (cônjuge) _____

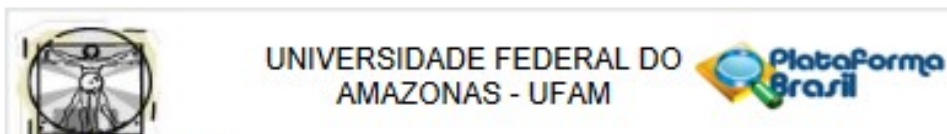
ANEXO 1 – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou Segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do Transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de Vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião... “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o cadenciamento da frase. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI, Dino. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

ANEXO 2 – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP-UFAM)



Continuação do Parecer: 3.511.433

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012.

É o parecer

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1280959.pdf	23/07/2019 20:56:36		Aceito
Outros	Carta_resposta_Aline_Farias.pdf	23/07/2019 20:55:05	ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS	Aceito
Outros	Roteiro_Instrumento_de_coleta_de_dados_Aline_Farias.doc	16/07/2019 10:48:02	ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Trabalho_para_a_qualificacao_aline.docx	16/07/2019 10:38:43	ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_ALINE_FARIAS.docx	16/07/2019 10:25:14	ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS	Aceito
Folha de Rosto	Scanner_20190605.pdf	12/06/2019 19:32:00	ALINE DE SOUZA BOADANA FARIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 15 de Agosto de 2019

Assinado por:
Ellana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tenente, 495

Bairro: Adenópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

Cel: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com